MANOEL AMBRÓSIO

1865/1947

ANTONIO DÓ

O BANDOLEIRO DAS BARRANCAS

Co-Promoção

Prefeitura Municipal de Januária

Gestão Cleuber Brandão Carneiro

Lion's Club

Encontro com o Folclore

Januária — M.G. — 1976

Para
Tania e Eliane
com o abraço e
a simpatia de
[illegible]
Jan. 31/1/77

MANOEL AMBRÓSIO

1865/1947

ANTONIO DÓ

O BANDOLEIRO DAS BARRANCAS

Co-Promoção

Prefeitura Municipal de Januária

Gestão Cleuber Brandão Carneiro

Lion's Club

Encontro com o Folclore

Januária — M. G. — 1976

Composto e impresso na
Imprensa Vespertino Ltda.
Petrópolis
1976

PRÓLOGO

ANTONIO ANTUNES DA FRANÇA DÓ.
Antonio Dó.

Dó. . . simplesmente.

Gigante do cangaço das barrancas sanfranciscanas que mais uma vez rompe a barreira do tempo e do esquecimento, agora por mercê da pena agil de Manoel Ambrósio e de minha paciência franciscana, como decifrador dos intricados originais ambrosianos.

Desde 1939 jaziam inéditas as páginas do intelectual januarense sobre a maior figura de cangaceiro de sua região.

Pobre, modesto, não obstante culto, sem prestígio nos meios editoriais da época, não logrou Manoel Ambrósio levar ao prelo, em tempo hábil, essa parcela de sua obra. O ineditismo foi aliás um fato marcante em sua vida de escritor. Quase tudo engavetado, conforme demonstrei em ensaio que veio a lume através das páginas de Itaytera, órgão do Instituto Cultural do Carirí.

Não importa. O que brotou de seu talento é madeira de lei que não cede à voragem das pragas temporais. Aflorando seja quando for é fonte inelutável da cultura barranqueira, ponto de partida e de referência.

Tal o que ocorre com a presente iniciativa.

Suas origens remontam ao dia 2 de outubro de 1974, quando em Januária, sob os auspícios da Prefeitura Municipal e do Lions Clube lancei "O Folclorista Manoel Ambrósio" — Itaytera nº 18, I.C.C., Crato, CE., 1974 —, estudo bio-bibliográfico enfocando a figura irrequieta do autor de "Brasil Interior", "Paranapetinga" e "A Ermida do Planalto".

Naquela oportunidade, à vista do sucesso do evento, selava-se publicamente um compromisso de indiscutível significado: Prefeitura e Lions auspiciaram a edição dos inéditos de

Manoel Ambrósio, cabendo a mim o levantamento dos originais, o ajuste dos textos, as notas explicativas, as introduções indispensáveis.

Justos e contratados, assumi de imediato o comando de minha tarefa, recolhendo nos guardados de Nely de Oliveira Montenegro filha e depositária de Manoel Ambrósio o grosso caderno contendo as páginas dedicadas a Antonio Dó. Por aí iniciaria o trabalho divulgatório da obra ambrosiana.

Não fora minha tenacidade de autêntico cearense, embora nascido na frouxa, futil e debochada Cidade do Rio de Janeiro, eu teria debandado. Venceu afinal a velha têmpera de cavaleiro andante da cultura, mesmo a despeito dos anos de visão que tal cometimento roubou aos meus olhos de há muito deficientes.

Não foi fácil decifrar a letrinha miuda, nervosa e desigual, alinhavada em encardido calhamaço, lançada ao papel em difíceis circunstâncias, à luz claudicante de velas e candeeiros, nos desvãos do tempo disponível para tertúlias e devaneios.

Literatura em terras incultas vale desgosto, aperreio e frustração.

Difícil foi ainda devassar-lhe o espírito, penetrar-lhe as intenções, compreender suas metáforas, interpretar seus sentimentos terrivelmente ligados ao meio e à época.

Imperou a subjeção com base em algo de objetivo, pois os mortos são mudos.

O resultado de tantos meses de labor aí está desafiando a má vontade e a inépcia de gerações, justo prêmio à consciência do dever cumprido.

Só o leitor responsável será juiz competente para julgar fato e mérito, causa e efeito, forma e conteúdo.

Minha primeira preocupação foi descobrir se os originais de que dispunha representavam a última vontade de Manoel Ambrósio em termos redacionais. Tudo me fez acreditar que sim, embora tivesse eu que sanear alguns períodos, estirpando erros possivelmente involuntários. Falta de repasse por certo.

Isto vale dizer que fui apenas seu revisor atento e implacável, não deturpador de suas construções de seu estilo, de suas idéias.

A obra se apresenta intacta, autêntica, imaculada, tal como a concebeu seu autor.

Em seguida fustigou-me a necessidade de enquadrar sua produção entre os vários gêneros literários.

Na capa do manuscrito ele estampara: -ANTONIO DÓ — NOVELA REGIONAL".

Ensina Sílvio Júlio que a novelística é uma literatura de imaginação, tipicamente ficcionista, em que se conta o que pode haver, mas que não houve. Indispensável a verossimelhança direta ou simbólica. Jamais admissível a narrativa de fatos reais com nomes e situações verdadeiros.

Neste caso ter-se-á a História, desde que juntados os documentos comprobatórios das alegações e, a crônica.

Cronista foi por conseguinte Manoel Ambrósio, ao enfocar a vida e os feitos de Antonio Dó dentro do seu contexto social. Basta que se leiam os jornais da época, que se ouçam os depoimentos dos sobreviventes, que se compulsem as páginas de Saul Martins, reunidas em livro publicado em 1967 sob o título "Antonio Dó — O Jagunço mais famoso do Sertão".

Aqui abro parentesis para consignar um aspecto curioso. Saul Martins alicerçado em documentos, esforçando-se por se ater à possível realidade do fenômeno Antonio Dó, não logrou mais que construir uma resenha da vida atribulada do famoso bandoleiro. Já Manoel Ambrósio na tentativa de urdir novela calcada no excelente material de que dispunha, sem querer, concluiu suculenta crônica iluminada e robustecida por oportunos enfoques etno-sociológicos.

Tal conjectura não pretende deslustrar o trabalho martiniano, no seu gênero digno de todos os louvores, eivado de ótimas referências e de pontos de apoio para futuras pesquisas históricas. Objetiva tão somente frisar esse desencontro de intenções tão coerente com os estranhos designios da vida.

De qualquer maneira, decorridos quase cinquenta anos do desaparecimento de Dó, continua este, seu meio e sua época a espera de historiadores e historiógrafos.

O conteúdo e a forma do trabalho de Manoel Ambrósio ora em pauta, não chegam a surpreender aqueles que conhecem detalhe por detalhe de sua longa e profícua existência.

Dono de fina sagacidade e de extraordinário espírito crítico, alma eclética montada em sólida cultura, conhecedor profundo das misérias e opulências de sua região, contemporâneo dos fatos que narra e testemunha ocular de muitos deles, era natural que não frustrasse a expectativa de seus leitores, como por certo decepcionará os que de boa vontade tiverem entre as mãos este lançamento.

Escrevendo com correção, propriedade, conveniência e precisão, construindo frase por frase dentro dos tradicionais moldes da lingua portuguesa, sem vícios e abastardamentos, não tem a verborragia balofa tão típica dos meios tropicais. Nem se lhe indigitam traços provincianos.

Períodos curtos, por vezes pérfuro-contundentes. Páginas verdadeiramente geométricas. Fluências na linguagem sem banalidade ou pernosticismo. Vez que outra o colorido dos termos regionais ou dos falares do povo. Metáforas bem dosadas, ironia oportuna, são marcas que estão patentes em sua crônica.

Há que se aludir ainda à quase invariável justaposição do cronista ao seu enfocado.

Desfiando o rosário de tragédias que envolveu a trajetória de Dó pelas malhas insidiosas do sertão bruto, pôde Manoel Ambrósio descarregar quantas amarguras e desgraças saboreara ao longo de sua luta contra a hipocrisia, a prepotência e a arbitrariedade, luta inglória e aniquilante dos iluminados contra a mediocridade enraizada nos cérebros obscuros e nas almas pútridas.

Dó e Ambrósio morderam o pó da oposição aos chefetes da sórdida e mesquinha politiquice interiorana, conheceram a opressão dos figurões macumunados em manobras inconfessáveis, viveram o descalabro dos princípios, sentiram a subversão da justiça, curtiram os desmandos da polícia e as sabugices oficiais e oficiosas.

Ambos amargaram as desditas do legendário partido Luzeiro combatido em Januária pelos membros do Escureiro, implacáveis e ardilosos quando donos da situação. Em São Francisco, Dó integrante da agremiação política dos Morcegos, viu-se em palpos de aranha nas garras dos célebres Gaviões.

Entre o bandoleiro bruto e sem opções e o escritor capaz de sublimar o seu vulcão de dissabores através de palavras candentes de revolta, nada mais que uma diferença de práticas.

Dó foi a mão armada à frente de sua legião de desajustados, herói cultural temperado pelos ingredientes consagradores do mito; Ambrósio foi o porta voz fino e eloquente da legião de infelizes que compunha a paisagem humana de seu meio e de sua época.

Se parcialidade há no bojo da crônica, está perfeitamente explicada. Quem seria imparcial sentindo na carne as agruras dos tempos difíceis?

Justificam-se ainda alguns exageros. Quantas vezes fez Manoel Ambrósio brotar dos lábios incultos de Dó construções

castiças, reservando aos "homens da lei" as vozes chulas e grotescas. Pecadilhos que se perdem na grandiosidade do texto.

Nos dias que correm, quando alguns fenômenos vão desaparecendo mercê da evolução natural dos tempos, é bom que se não percam de vista certos conceitos capazes de bem fixar o contorno de realidades que marcaram determinados lugares e épocas.

Disse Shoppenhauer que o civilizado é um bandido vigiado pela polícia. Como então apreciar-se o banditismo em terras que desconhecem a civilização?

Fica o desafio da pergunta aos exegetas de tais problemas.

Dado e passado no Caetetú, em Corrêas, 2º Distrito de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, aos 11 de abril de 1976.

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

Editor de Encontro com o Folclore

ANTONIO DÓ

O BANDOLEIRO DAS BARRANCAS

MANOEL AMBRÓSIO

1865/1947

"Descrever é fácil prescrever é difícil.
Que podemos adeantar que já não tenha sido proclamado milhares de vezes?
Que remédio podemos sugerir que já não tenha sido experimentado e provado?
Que conselhos dar que não sejam um insulto às feridas abertas?
. . . em seguida, avançar, aconteça o que acontecer.
. . . Vencer ou rebentar . . . Por uma espécie de adaptação olfatória somos levados a crer que o mundo foi sempre assim e não melhora. . ."

Will Durant — Filosofia da Vida — pags. 204, 245, 246 e 411

1

No correr vertiginoso dos anos os fatos permanecem numa doce nostalgia, ligados por uma cadeia indissolúvel e sensível com as aparências do esquecimento.

Ninguém, tocando-os por mais leve, sem sentir imediatamente um choque — o sinal de alarma, rasgando num volver de olhos todas as perspectivas, procelosas ou não, daquilo que é ou deixou de existir.

Tal o Antonio Dó.

De 1908 a 1937 nenhum barranqueiro das margens do São Francisco mais celebrizado no sertão mineiro.

Era um ramo quase apagado de um dos antigos clãs do sertão baiano (1), também à margem do mesmo rio, outrora formidáveis em constantes lutas sanguinolentas, até pouco antes da revolução remodeladora do País, nessas terras de poderio e jagunceiros, que pouco a pouco vão cedendo ao influxo da civilização.

Nesse teatro intestino de família muitas gerações soberanas no cangaço exterminaram-se reciprocamente por ódios e desavenças inúteis em dois campos aguerridos: os Bundões, os Marrões.

Este absurdo vinha de longe; desde os tempos dos célebres Militões e Guerreiros (portugueses), num cheiro colonial.

Desses últimos descendia o Dó que de seus antepassados apenas conhecera o ranço das tradições.

Muito moço, quase menino, exilou-se da terra natal, estabelecendo-se em Minas, na Comarca de São Francisco (2).

Cedo entrara para o comércio, abandonando-o depois pela lavoura com um pequeno capital.

De maneiras cativantes, cortês e prestativo, grangeara real estima, frequentando a sociedade alta, embora modesto, recatado e de irrepreensivel honestidade.

Sem ser de todo um analfabeto, não tinha letras.

Entre vizinhos, invejável o seu comportamento: homem do trabalho que prospera.

Comprando uma pequena herdade com alguns hectares de terras ótimas, cultivava com lucros todos os cereais de que dispunha o comércio, abastecendo-o depois do feijão à cana de açúcar, enriquecendo sua cultura com pouco de gados escolhidos e outros animais.

Obtidos alguns recursos financeiros voltara à terra natal para trazer de lá seus tres Irmãos José, Herculano e Luiza. (3)

A José agregara-o na sua fazenda; era solteiro e tomara o encargo de vigiar os rebanhos.

Herculano por ser inda de pouca idade morava consigo e Luiza, menina de vida pública, com o seu amante de nome Marcelino, na mesma fazenda e se estabelecera, ela e ele como lavradores, todos, qual se vê, à sombra benfaseja de Dó.

E assim fartamento e em boa ordem viviam.

Mas não há prosperidade sem um desassossego qualquer. A inveja começara a reinar entre vizinhos despeitados.

Estava no auge da ganância a divisão territorial. Momentos de aperto.

Questões de somenos importância tomam um caráter de altas e baixas questiúnculas divisórias.

Burlando a vigilância da lei, brotam da terra como cogumelos, da noite para o dia, assanhados e atrevidos "agrônomos" descaradamente improvisados, retalhando latifúndios desvalorizados por preços abusivos.

Todos com direito e ninguém seguro.

Nenhum negócio tão rendoso como divisão de terras.

Um seguro de vida de outrora, uma nova roubalheira à sombra da lei.

Tinha terras quem tinha gados ou pagava bem a dinheiro.

Muita gente ficou sem suas propriedades.

Pequenos proprietários sairam de seus lares levando os cacos à cabeça.

Ora, quase que acontecia o mesmo com o Dó, reduzida sua fazenda a bem estreitas condições, com o seu gado sem ter liberdade de passagem para o rio.

Necessário um corredor para cima ou para baixo entre as propriedades suas e a do seu vizinho Francisco Peba. (4)

O Peba, podendo sem prejuizo abrir o corredor pelo lado de cima, embirrou. Seria pelo lado de baixo, esse ocupado pelo Dó, que por sua vez também não quizera ceder.

Brigaram por isto.

Desse "cancer" originaram-se discórdias forenses, até então afetas ao Juiz de Paz, que por seu lado se pronunciara pelo Peba.

Dó viu-se tonto com as arrogâncias do vizinho e com as arbitrariedades da época.

Forçoso buscar uma saida.

Nem suas terras, nem seus rebanhos; tudo a mercê dos absolutos senhores do mando.

A febre aftosa dizimava o gado no interior do sertão.

Dó e seu irmão, sem cessar, passavam quase diariamente em revista o campo, sem todavia atentarem no que passava de anormal, além da peste que começava.

E fora o José quem descobrira.

— Dó, este gado está diminuindo consideravelmente.

— Qual, meu irmão. Estará doente por esses logradouros distantes, onde nós ainda não penetramos.

— Tú estás enganado. Conheço todo o campo e uma por uma as rezes. Estão furtando o gado.

— Por que dizes assim?

— Porque estando outro dia na cidade, ouvi falar em gados vendidos à pessoas diversas a diversos açougueiros.

Com cautela dei num campo e achei falta de muitas rezes.

— José, quem seria capaz de tanta miséria?

— Quem seria não! Quem será. Eu não desejava descobrir-te, mas é preciso...

— Quem? indagou aflito.

— O Marcelino!

— O Marcelino?!...

— Sim! Marcelino. Ele não me viu e eu o encontrei com duas rezes gordas, tocando-as para a cidade por um caminho fora da estrada real.

— Conheceste bem as rezes?

— Sim.

— Menino, não me digas tal! Marcelino? Ladrão de gado?...

— Marcelino!

— Os compradores são pessoas conhecidas?

— Conheço-as uma por uma. E enumerou-as.

— Bem estou vendo donde partem as proteções ao Peba.

Seriam onze horas quando Dó e seu irmão chegavam do campo à casa cansadíssimos.

Mal apeiavam-se que um positivo batia à porta.

Dó intimado a comparecer naquele dia e, sem perda de tempo, à delegacia. Era um policial.

— Que há? indagou Dó.

— Ignoro, seu Dó.

Dó não se fez de rogado. Não trocou de roupas e em trajes de vaqueiro cavalgou de novo rumo à cidade, quatro léguas distante.

2

Desabusado furto de gados reinava pelas fazendas.

Geral a inquietação dos que dispunham de quantidade mais ou menos vultosa.

Inútil a mais severa vigilância.

Queixa — era um remédio insuficiente pelo patrocínio a ladrões.

Uma denúncia num foro de justiça caríssimo custava uma fortuna e muitas vezes deixava em maus lençóis o denunciante.

A prudência arrolhada, gemia. (5)

Dó, a caminho da delegacia e com o espírito abismado em conjecturas mil, seriamente cogitava como resolver aquela situação bem difícil.

Nunca se metera em negócios de foro; mas, cauteloso e observador sabia das manhas e processos dos que o especulavam.

Dinheiro, muito dinheiro, muito geito e proteção para uma probabilidade de êxito e velhacaria.

Isto de um lado; do outro o amante de sua irmã, seu agregado, seu protegido, que se dizia tão seu amigo... quem diria?

E via-se obrigado a denúnciá-lo como ladrão de gado! para marchantes e pessoas que se diziam qualificadas.

De que modo promover e provar a responsabilidade segura de tantos criminosos de unhas encobertas, labeus que nunca suspeitara?

Agir pessoalmente seria perigoso e o caminho da denúncia não era o da lei.

Nas localidades deseducadas do sertão os crimes mais hediondos, assim como as diatribes, os escândalos, as injúrias, os falsos testemunhos, toda essa "paçoca" remoida das vis ações, que não da mexeriquice interesseira do desejo infame de ferir, de aviltar, seja como for, todo o segredo jogo dessa patifaria, culmina-se no anonimato, livremente campeando, bancando alto.

Se porventura alguém chegou a ser descoberto, nem por isto foi grande o achado, permanecendo do mesmo modo, como se nada houvesse acontecido.

Dó não era homem para essas misérias.

Ferido de angústias e assaltado de maus presseentimentos, mal humorado, venceu as quatro léguas resolvido a tomar

providências perante à autoridade, acontecesse o que acontecesse.

Pelas tres horas da tarde, ele e o policial, entrando na cidade apeiavam-se à porta da delegacia.

O soldado, dando conta da diligência, convidou o seu companheiro a entrar para a sala e sentar-se num banco, retirando-se em seguida.

Nessa hora, a autoridade, que era um delegado especial, acreditado junto ao Governo, examinava um volumoso maço de cartas e papéis na maioria sem assinaturas o que muito o intrigava-o, tomando apontamentos, sentado à secretária e de costas, sem atentar à pessoa que entrava.

De relance, porém, muito adestrado em artimanhas do ofício, pode observar que positivamente ia interrogar um desses caipiras mal trajados e mal educados, pelo seu comportamento naquela audiência, comodamente sentado qual em sua casa, de pernas cruzadas, ostentando umas velhas polainas, com largas esporas de ferro tintilantes, chapeu grande de couro, ao lado e no punho pendurado um chicote de couro de ánta.

Pessimamente impressionado, pondo em ordem os seus papeis e de modo brusco levantando-se, visava postar-se em frente aquele esquisito tipo que lhe era desconhecido, autoritariamente interrogando-o:

— Quem é o senhor?

— Antonio Antunes da França Dó.

— Ah! então é o senhor um tal Antonio Dó?

— Um criado para o servir.

— Bem! Sua profissão?

— Lavrador e criador.

— Criador! Talvez queria o senhor dizer: — fazendeiro e quem sabe de bodes furtados ao fazendeiro Andalécio de Tal (6), segundo reza uma denúncia em meu poder! disse olhando-o fixamente.

— Perdão, Senhor Delegado! Em minha fazenda nunca existiu tal criação e jamais roubei a pessoa alguma em minha vida; pelo contrário, eu é que sou roubado. Ladrão, uma afronta! Oh! isto é demais! Protesto! Ladrão de bode! murmurou amargamente.

— Qual protesto, que nada! Todos têm a mesma linguagem de velhacos e mentirosos, e se denunciam reciprocamente para desviar a ação da justiça. Estou acostumado a ouvir des-

sas patranhas. Meto-os na cadeia! meto-os na cadeia! Que corja de gente mais sem vergonha! mais safada! bravejou furiosamente o delegado.

Mal soaram estas palavras, quando se ouviram gritos de socorro! socorro! à uma das janelas da sala para a rua.

Era a esposa do delegado.

Terrível luta!

Dó, homem musculoso e agil suplantava sob os joelhos o militar que se debatia desesperadamente vencido, com a garganta sufocada por uns pulsos de aço e violentamente esmurrado.

O ordenança que estava à porta, vendo o barulho, não se animara a socorrer o comandante seu superior. Medroso e desarmado apitava, correndo ao quartel.

Imediatamente espirraram soldados de vários becos e ruas, rumo à delegacia e só então separaram-se os dois, ficando o delegado bastante contundido.

Dó, autuado em flagrante delito, barbaramente espancado desde a delegacia e até mesmo dentro da cadeia.

O zumzum da novidade sacudira o povo durante o resto do dia e toda a noite.

Amanhecera!

Um pedido de habeas corpus ao suplente do municipal.

Não era formado.

Dias depois o habeas corpus e o preso eram remetidos à comarca vizinha onde estava a jurisdição do caso.

Denegado o habeas corpus; em todo o caso o delegado estava fora de suas atribuições.

Crime de agressão à autoridade em audiência, mas afiançável.

Dó, muito conhecido e acreditado na cidade, prestou a fiança arbitrada por lei e retirara-se na maior das consternações.

No dia em que deixou a cadeia para se apresentar ao juiz de direito, recebia de sua irmã e de pessoas outras da casa, notícias de ter sido assassinado à porta seu irmão José, quando conversava à noite à beira de um fogo frente à sua casa.

Consternado e no maior desespero assim foi solto, Dó comprou armas e munições para desafrontar-se, jurando vingar a morte de seu irmão e compelir os ladrões à restituição de seus avultados prejuizos, porquanto, logo depois de sua prisão, sua fazenda fora realmente varejada e a venda dos seus gados, agora, francamente, escandalosamente escancarada pelo Marcelino.

Antes de partir para casa Dó formula queixa contra esse ladrão que é preso, mas, submetido a julgamento é absolvido, algum tempo depois.

Não antecipemos porém os fatos.

3

A consternação entrara na casa de Dó; dois dias após sua prisão e do desenlace que houvera.

Pelo friorento mês de junho à porta da fazenda, segundo o costume um bom fogo de toras de angico ardia para espantar a geada que logo cedo caia na floresta.

Camaradas de serviços e agregados em torno palestravam descuidosos acerca dos acontecimentos; o roubo do gado, ação da justiça, a prisão que reputavam injusta e o bárbaro espancamento do preso.

Desolador o sentimento e a apreensão não menos.

Que sairia de tudo aquilo?

Aquela gente tagarela e pensativa ao mesmo tempo estendia mãos geladas para as labaredas lambendo a escuridão.

Luiza, José e Herculano aí se achavam.

No cabo daquele borborinho de falas, Herculano indagara de Luiza:

— Mana, onde anda Marcelino?

— Não sei. Anda muito enrabixado pela cidade e quase não para em casa. De vez em quando aparece acompanhado de alguns tipos meio assanhados e prosas; com ele conversam familiarmente, bebem, jogam com algazarra dias e noites inteiras e quando se retiram, com eles lá se vai o Marcelino que não volta senão decorridos dois e mais dias.

Já me aborrece esta vida.

— Na verdade, ele anda muito arredio de nós.

— Não foi ele quem nos trouxe a notícia da prisão de Antonico?

— Foi, Luiza! mas, desapareceu.

— Chegou lá em casa e disse-me que voltava para a cidade afim de tomar providências, pois que, Antonico poderia precisar dele.

— Qual o que! Marcelino não está se importando com isto. Invernado no jogo como anda, gastando o pouquinho que tem e o jogo dá cabo de tudo; atalhou José.

— Antonico de nada sabe, e agora na cadeia, que acontece e quando dela sairá?

Ouviram-se uns horrorosos disparos de carabina de uma touceira alta de capim e logo um arranco e queda do assassino que fugia ao atravessar às pressas a dupla cerca de arame farpado.

No momento da traiçoeira e inesperada agressão todos correram numa gritaria clamorosa.

Um ficara espixado com os pés para a fogueira.

— Quem?

— José!

Cessado o pânico, retiraram o cadáver para a sala onde ficara insepulto até muito tarde do dia seguinte à espera do ato de corpo de delito.

A notícia chegara à cidade no momento em que embarcava o Dó, acompanhando o habeas corpus, rio abaixo, dezoito léguas distante.

Nenhuma providência a respeito e assim fora sepultado o José.

Pela manhã desse dia, examinado o lugar donde partiram os tiros, foram encontrados ao pé da cerca de arame, um chapeu nela bem espetado e na poeira um enorme punhal fora da bainha, e do lado externo da cerca uma cartucheira arrebentada e alguns farrapos ensanguentados de um casaco...

— De quem seriam aqueles objetos?

— E uma voz única:

— Do Marcelino!

Decorridos uns dias fora o delegado especial chamado à sede do governo.

Dó, uma vez prestada a fiança, comprara armas e munições; aliciando gente pelo caminho inesperadamente apresentou-se deante do São Francisco, acampando-se no mercado, da que fizera o seu quartel sem ataque.

Dalí intimara os cúmplices no roubo do seu gado para um ajuste de contas amigavelmente.

Os tais cúmplices acharam de melhor alvitre e mais seguro tirar cipó na capoeira fugindo às iras do Dó que embalde os esperava.

Ciente, agora, de todos os pormenores acontecidos em sua ausência, impaciente e angustiado, retirara-se com o seu povo para sua fazenda.

A cidade que havia purgado o seu mau quarto de hora, sentira-se desafogada.

O telegrafo, — "a via crucis universal" —, gemera com as mais disparatadas invencionices do terror, pedindo enérgicas e urgentes providências ao governo: — Cidade cercada e atacada por Dó com uma tremenda jagunceira, mais de quinhentos homens em armas.

Autoridades desacatadas, povo aterrado pela fuzilaria, ameaçado de morticínios e depredações com a retirada do delegado especial. Ora, São Francisco que anos antes passara, com efeito, por semelhantes vicissitudes, facílimo foi ser imediatamente atendida.

Belo Horizonte, sem mais exame, ouvindo a queixa, um acode-acode, quase despachou apressadamente um batalhão; em todo o caso seguiu uma força de cinquenta praças comandadas por um tenente.

4

Pressentindo a tempestade que ameaçava grossa, Dó deixara a cidade, dirigindo-se para sua fazenda onde chegara depois de meses de ausência.

Um ar de desolação descia das alturas daquele céu sobre a perspectiva circunstante.

O desventurado sentira um nó na garganta.

Confragian-se-lhe o coração.

Achara o lar deserto... triste.

Soluçando e coberto de luto viera abraçá-lo Hērculano, pondo-o ao corrente de tudo que sucedera durante sua ausência.

O Marcelino arvorou-se dono absoluto, varejou o rebanho, vendeu à farta o que pôde, tudo passando nas orelhas da sota. (7)

Indigitado como um dos responsáveis pela morte de José e furtos de gados alheios, foi processado e também despronunciado, ao mesmo tempo.

Ele e Luiza haviam fugido para bem distante; onde? não se sabia. Desceram o rio.

Dó ouvia toda aquela narrativa quase impassível no exterior. Interiormente fervia.

Um começo de ruina entrava pelos terreiros.

Os roçados cheios de mato afogando os cereais, estragando ainda o que restava de proveitoso.

O engenho paralisado e os canaviais pela metade, abandonados, secando.

— Meu irmão, estou contemplando toda a nossa desgraça, dizia ele a Herculano. Eu sou um homem digno de se ter dó. Tú não aguentas, não podes, nem deves acompanhar-me. É dura, é muito dura a afronta; não recuarei enquanto não vingar a morte injusta de José.

Dizendo isto, num acento profundamente doloroso, Dó chorou.

Medindo toda a extensão de sua infelicidade, tivera ímpetos de largar fogo em tudo aquilo e depois de ver cinzas e ruínas, delas retirar-se para sempre.

Acomodando o pessoal em armas que o acompanhava, metera-se sozinho pelos roçados e fora-se ter à beira do rio.

Absoluto o silêncio.

Acentuada visão de coisas ruins pairava na própria natureza e nela tudo o que contemplava.

Frente à fazenda estendia-se pelo meio do rio uma extensa ilha muito verde separada da terra por um braço pouco fundo, mas, estreito, atravancado de paus da última enchente.

Toda ela também deserta.

O canal passava do outro lado, lentamente descendo numa serenidade literal. Cálida a tarde após o meio dia.

Para além da floresta alta da margem oposta e distante, enormes barras largas e fantásticas de nuvens amontoavam-se no ocidente.

Nenhum mumúrio senão o das águas deslizando-se pelas madeiras e moitas podrés da margem.

À sombra de joazeiros eretos e frondosos Dó estivera contemplativo, acabrunhado todo o resto do dia, recolhendo-se à boca da noite, quando o vento norte encrespou a superfície do rio num sopro de geada.

E o tempo velozmente corria.

Na cidade incumbira a amigos seus de avisá-lo a qualquer hora dos seus negócios e da sua situação.

Sabia muito bem da sujeira assoalhada ao longe quanto valia, bem como do desplante no apregoar fatos inverossímeis, mormente da parte dos que são responsáveis pela ordem pública, estes os que se mostram mais assanhados deante das mentiras palavrosas e incendiárias, principalmente se partem de indivíduos acobertados com um palmo de autoridade.

Esses covardes semi-deuses agem na sombra.

Cinco dias decorridos sem nenhuma solução, nada respirando.

Dó, confiante esperava.

Desgostoso, reconhecia não dever morar naquele município, resolvido até a torrar o restinho de gados, casa, terras e benefícios no cobre, mesmo barato, e retirar-se, logo que pusesse em ordem sua vida.

Enquanto isto e durante horas, ao cair da tarde, o coração presago arrastava-o para as sombras melancólicas da beira do rio de onde se descortinava um nevoento e sossegado horizonte a perder de vista até sumir-se nas orlas rasas e distanciadas das barrancas do sul.

O sertão estava lindo.

A floresta resplandescia toda coberta de floridos ipês e sempre-lustrosas, nessas risonhas brumas cor de rosas que precedem as primaveras, magestosamente embaladas ao som da luz tropical e cor de ouro.

As grandes sombras da riba esquerda languidamente esticavam-se pelas coroas de areia acompanhando a marcha do sol para o poente.

Águas paradas mornas e sossegadas espalhavam-se para o norte e para o sul refletindo em seu espelho um finíssimo pedaço de céu azul.

Na solidão dessas paragens os mutuns (8) gemiam nas caatingas altas, nas vasantes os saudosos jaós (9), nas areias das ilhas e coroas, nuvens de pombas verdadeiras passeavam, lavando-se à beira d'água.

Um ruido de milhões e milhões de insetos e seres outros emergia desse cenário e se misturava ao monótono canto das águas.

Dó em meio aos seus pensamentos tão funestos, distraidamente enamorava-se da natureza que o arrebatava.

Uma rajada de vento quase um suspiro além! chamou-lhe a atenção.

Voltando-se olhou de perto.

Os redemoinhos brincavam no areal da ilha.

Mas, não se enganara.

Olhara rapidamente, indagando da imensidão das matas e das água e tão absorto estava que nada mais ouvira, arrastado agora para as duras realidades, por um outro suspiro mais longo, mais acentuado.

Embora nada visse, prestava atenção:

— O vapor!

Com efeito, era um vapor descendo.

Acelerado batia-lhe o coração.

Ele murmurou consigo:

— Ela aí vem!

E ocultou-se entre as árvores para melhor observar.

Não demorou que lá no pontal aparecesse uma figura movediça num couraço de ferro enchendo o vale e espancando as águas.

Em menos de meia hora o gigante na sua marcha veloz passava defronte à ilha, arrancando ondas que rolavam marulhosas até as praias ao mesmo tempo que arrastava uma pesada lancha.

Pela distância Dó nada pode distinguir dos passageiros; mas na lancha o kepi de um soldado, sondando a margem, reluzia ao sol.

Nada mais a duvidar.

Ela aí vem! pensou ele e pensou bem.

5

Era ela mesmo, a força pública, correndo ao seu encalço.

Pelas quatro horas da tarde o vapor lançava âncoras no porto de São Francisco; ávido de novidades, o povo corria ao cais para assistir ao desembarque dos soldados e saber quem era o comandante.

Atracado o vapor e lançada a prancha, nela de roldão entraram primeiro as autoridades que secretamente estavam avisadas; e após os curiosos em balbúria enchendo o convés, onde se achava todo fardado o comandante.

Dadas as boas vindas e a título de conferências, alí mesmo seguiram-se os cochichos dos enredos e intrigas de modo que quando o policial saltava em terra era sabedor do paradeiro do criminoso Dó homisiado em sua fazenda com um reduto de mais de sessenta jagunços.

O oficial que espera encontrar a cidade em estado de sítio, exultou-se intimamente julgando-se senhor da situação, marchando ao som de belicosa corneta para o quartel, onde chegara cercado dos magnatas da cidade.

Muito jovem, o Tenente João Batista de Almeida (10) gabava-se trazer ordens de exterminar as hordas caso resistissem.

A retirada da cidade era um evidente sinal de fraqueza e portanto um começo de triunfo.

Para isto achava-se devidamente preparado.

Dessem-lhe um guia, desejava partir imediatamente.

Advertiram-no as autoridades de que a hora estava por demais adeantada e que a prudência era o melhor conselheiro.

Seguiu-se a opinião geral reprovando: Uma temeridade!

— Antes uma boa madrugada. Apanharia de surpresa o inimigo.

Evitaria a escuridão e perigos da mata em caminhos ou trilhos mal seguros.

Que o Dó era terrível, de ninguém corria, resistindo ao ataque ou atacando.

— De qualquer maneira, como entender, tanto pior para ele.

Se ele não correr, observou o tenente, quem há de correr de um bandido?

Soldado não conhece dia, noite, sol, chuva, frio ou calor; cumpre ordens e nada mais. Surja donde surgir, custe ou não custe, hoje mesmo hei de ver a cara desse célebre Dó.

E veremos: ou eu ou ele!

E falando às autoridades:

— Um guia, ou apontem-me a estrada!

— Isto seria o menos. Guia não faltava.

— É o bastante! Quem sabe que os senhores suspeitem de que eu não tenho coragem de enfrentar bandoleiros?

— Dê-se o guia! Que o tenente parta e cumpra como quer o seu dever. É um oficial e não se deve meter a lingua onde não cabe.

Ele terá o seu plano e quererá executá-lo! disse um dos magnatas.

— Perfeitamente! Muito bem compreendido!

— Sim! replicou um outro: Medo não! ninguém capaz disto.

Partir daqui, já tarde... eu é que não iria lá por dinheiro algum; prudência também é valentia.

— Sim? É?

Por esta mesma razão é que parto e... neste momento.

Soldados, em forma!

E a escolta com o guia à frente partira ao cair da noite.

6

Esparsos, muito esparsos, aqui por além, como atalaias nos bancos arenosos das coroas, das ilhas e vasantes, apareciam lado a lado na extensão do rio raros fogos perdidos na escuridão deserta do mar interior.

Eram ranchos provisórios de vasanteiros, vigiando os cereais nas roças, ou ao relento à beira dágua os pescadores surdinamente cantando para amenizar as prolongadas vigílias dos dias menos afortunados.

Em terra firme, n'alguma quadra mais resguardada de tugúrios ou herdades ao longo das barrancas, ou mais retiradas um pouco, o mesmo sistema de fogos nos terreiros, grandes ou pequenos, aquecia a longa conversa da despreocupada gente sertaneja.

Nos tugúrios, debaixo d'alguma cajazeira protetora, contavam-se histórias da carocha, envoltas em um manto de fibras de buritís, cachimbando para as estrelas do céu.

Na herdade, sentados em cadeiras, bancos, ou roliços toros de madeira, aconchegados em seus capotes de pano grosso e ao redor de uma fogueira bem provida de lenha, algumas dezenas de sinistras cataduras bocejavam quase tiritando:

— Eta noite comprida e temerosa ! diziam uns.

— E que frio de rachar ! falavam outros.

— Mas na gustusura do fogo dá vontade da gente coxilá.

— e drumí.

— e ferrá.

— Que drumí nem ferrá ! O que a gente nicissita aqui é de um bom golo da "bôa", eim patrão ?

— Vozes:

— Bem, muito que bem, bem lembrado !

— Está na vontade de todos, se querem. . .

— Ah ! ah ! patrão, quem ingeita parada ?

— Eu, por certo, não !

— Nem eu !

— Nem eu !

— Nem nós tudo de guela seca.

— Herculano, vá ao depósito de rapaduras e traga de lá dois litros de cachaça velha.

Herculano saiu a correr trazendo sem demora a aguardente e dois grandes copos.

Houve um sussurro de alegria e em poucos minutos as duas garrafas estavam esvasiadas e quase não chegavam, sendo necessários mais dois litros.

— Que sede, eim minha gente, gracejou o patrão.

— Eh ! Nhorsim ! Isto é um bom cobertor prá tampá tanto frio.

Uma gargalhada sadia, repentinamente paralisada.

O chão do páteo soava soturnamente para os lados da cidade. Era o tropel de um cavaleiro que avançava a todo galope.

— Algum passageiro, ou alguma novidade, murmurou alguém.

— Quem vem lá ? gritou um do grupo.

— É de paz ! respondeu o cavaleiro, apeiando-se próximo à fogueira.

— É o Maurício ! Não é de hoje que o esperava ! Que há de novo Maurício ? Vem a todo galope !

— Nada, senhor Dó. Venho trazer-lhe esta carta e dar-lhe recados de amigos, que previna-se; pois, não obstante a noite muito fechada, o senhor será preso ou morto hoje mesmo. A força do governo deve estar muito perto, eu estou com atrazo de mais de duas horas. Dentro de meia estarão aqui, no mais tardar. Eles aí vêm !

Dó, tomando da carta leu-a ao clarão das labaredas e atirou-a depois ao braseiro, que a consumiu.

Maurício dizia a verdade.

— Obrigado Maurício ! Obrigado ! Deixa que venha Dó não correrá.

Dó correu à casa trazendo uma garrafa de pinga.

— Toma Maurício ! Estás regelado.

— Boa lembrança, senhor Dó, para espantar este medonho frio, pois, eu vinha mais gelado da pressa, receioso de chegar tarde; mas cumpridos o meu dever e a minha palavra, posso ir agora ao fim do mundo.

Riram-se muito. Rapaz de coragem !

— E adeus ! Até outra vista.

— Feliz viagem ! Gritaram todos.

E Maurício riscou o cavalo por uma outra estrada que conhecia.

Bem poucos os momentos daquela entrevista.

No meio da imensa noite e extensão das quebradas da grande selva, pavorosa descarga !

Cinco minutos depois, mais uma.

Lúgubre o silêncio dos ermos.

A fogueira acesa anunciava a casa da fazenda que se mostrava deserta.

Ninguém !

As primeiras descargas semelhavam um aviso de cerco.

Mais uma terceira uma provocação para o assalto.

Através da claridade da fogueira, como que as sombras das matas se moviam, rastejantes para o páteo, quase que indecisas.

Vultos negros com o joelho em terra, silenciosos, pareciam esperar a hora da fatalidade.

E minutos e segundos de ansiedade.

Ninguém ainda! Absoluto silêncio.

— Correram! murmurou alguém. Avançar! bradara.

Dos ângulos vizinhos dos cerrados uma voz se elevou mansa e pausada:

— Fogo!

Depois um outro e outro mais.

Um duelo sem parar.

Dir-se-ia que a solidão despertava do seu profundo letargo.

Levantou-se um clamor:

— Ai! ai! ai! Acuda-nos Comandante!

— Estou ferido! gritava um.

— Baleados! vociferavam muitos.

— Muitos mortos e eu também morrendo! bradava um outro.

E o tenente Baptista, de espada em punho, desapontado, colérico e vomitando pragas, somente agora via claro a derrota.

Bandidos, sanguinários, apareçam! Venham ver como se briga.

Mas essas palavras eram abafadas pela violência de descargas que se aproximavam.

A diligência num relance estava espatifada.

Compunha-se essa de uma meninada fardada, sem traquejo de armas, sem batismo de sangue.

Não tardou que o tenente, reconhecendo seu erro, visse a debandada e o estrago de seus camaradas.

Muitos mortos, quase todos desertados e ele só.

O pavor invadiu o campo de batalha.

Cerco completo e sem apelo.

Vendo-se perdido, o tenente também correra, e sem saber, desorientado, alcançara a beira do rio.

— Pega o tenente! Atalha! Bradou um peito largo de jagunço.

E em seguida uma descarga naquele rumo.

As balas sibilando, cantavam fùnebremente por cima da cabeça do oficial, que se atirou n'água, nadando para alcançar a ilha.

De dia a água engana a distância; de noite a engole.

A travessia por demais longa e funda.

A correnteza lenta e pesada.

O oficial corajosamente metera o braço, nadou bastante.

De vez em quando um chuveiro de balas pingava-lhe adiante e ora atrás.

Tem medo e ajudado por este dobrára de forças.

Sentindo caimbras e totalmente perdido, pedira socorro.

Um jagunço descera a praia às carreiras; tomara uma canoa e fez-se ao largo remando diligentemente.

Estava perto.

— Coragem! Um esforço ainda! gritou o salvador, baixando para agarrar um braço que se estendia; mas a fatalidade segurava-o pelos pés com ele se afundando.

— Desgraçado! perdi meu tempo. Este diabo leva alí muito dinheiro, agora... pro bucho dos jacarés e das piranhas, lamuriou, não o jagunço, mas o Pedrão — soldado — um desses ratoneiros de saques de ocasião.

Derivando a canôa um pouco abaixo do porto, livre do perigo, deitara a fugir como o mais valente soldado da diligência pelas suas proezas.

Cessara o combate.

Apontava a lua no horizonte; luz fraca, tênue alumiava o cenário.

Corpos esparsos de soldados e de alguns jagunços.

Gemidos e estertores de feridos agonizantes.

Três para quatro horas da madrugada.

Soprava o vento frio, coagulando por cima da floresta uma comprida neve de fumaça de pólvora, dissolvendo-se nos ares esgarçada, diluida e sinistra.

7

Cidade de São Francisco!

Cidade martir, cidade angustiada de penosos episódios, de tormentos renovados, de ânsias sem limites, enquadrada em nossa simpatia na dor e na infelicidade!

Na transparência atmosférica ao longe, reclinada na verdura eterna das tuas margens, como resplandece a tua imagem de tantas promessas irrealizáveis!

Inigualada pelo sangue, pelo túmulo, pela ausência de teus malogrados filhos, tua odisséia de perto assemelha-se a um deserto entre vivos.

Tú és o ninho solitário que de dia relembra os ramais

da árvore antiga das tradições dos que em ti passaram com amor ardente e confiantes adormeceram em teu adorado seio sob harmoniosos cantos da mãe afavel... carinhosa!

Uma sombra aflitiva desintegrou-te do caminho da história

Tinhas algum crime a expiar?

Não! Foi o abandono ingrato daqueles que usufruiram-te as primícias de teus tesouros cobiçados, as borrascas do indiferentismo, a doença do egoismo, o cancer do interesse e essa luz negra que não dá um passo para frente. Pingue o patrimônio, diversas as aventuras!

A partilha do lar evaporou-se com escarnimento.

Os filhos pródigos rumaram-se pelo mundo, razão fatídica para que te tornasses cosmopolita, recurso único e efêmero, incontida mensagem de emergência, que te oferecia o teu grande rio, estrada branca da civilização.

Foste feliz?

Não! Sem a mentira convencional de antanho não te deixaram medrar um instante e a história por ti jamais fora carinhosa.

Mudaram-se os sinais dos tempos; mas do tronco da árvore carcomida vieram rebentos outros e as almas não se mudaram.

Lembra-te dos faustos do império?

Um mofino morava por detrás do trono a derruir-se.

Minava-o, solapava-o.

Tinha garras nos pés, garras nas asas o monstro.

A um grito seu tudo por terra!

Da conflagação só escapa o nome do mais honrado homem do mundo, a alma e o coração esfacelados pela adversidade, vergastando o opróbio da desonestidade e corajosamente devolvendo fortunas que jamais ganhara; subiu assim ao calvário da vida.

Estava salva destarte a soberania nacional.

E se o mundo pátrio achava-se então desmoronado, que podias tú ó São Francisco?

Resistirias também?

Nessa desditosa quadra, no delirante prestígio do espantoso terremoto de homens, de ideais, da mentira compulsória, tú resistirias como resistiu o turbilhão das cidades vivas e das cidades mortas. Os nababos da meia noite, os famintos do poder, os banqueiros de posições, os soberanos absolutos do dia, batiam palmas vitoriosas e tangiam-te no ostracismo geral.

Mas a má estrela que resplandece imutável viera ainda salvar tuas cinzas.

E tú respiras, tú suspiras ainda.

Tú a cidade isolada, a cidade dos becos, pequena, tortuosa e suja, trajando hoje a vestimenta moderna dos alargamentos, das avenidas, do cais, dos templos (grupos escolar e religioso), perfumados jardins, arborizadas praças, ruas e casas alvas como um bando de garças num banho matinal de um feérico sonho de juventude.

Por que isto, que é que aconteceu? Sobrevive a pátria?

Os sobressaltos de uma revolução arrancam sem que se espere do seio da selva longínqua o mártir dos teus filhos, para a regência dos teus destinos.

Uma piedade samaritana recalca o pedregulho da maledicência, como mortíferas chagas ulcerando o coração materno. Sentem-se porém cambraias, musselinas e sedas multicores de uma esperança jovem.

O banquete da restauração está preparado.

Que o realismo brote dessas pedras que falam, não importa onde. Tem-se pressa e muito resta a fazer ainda; seguir no encalço das sombras fugidias enquanto as auras suspiram docemente pelas várzeas e as magnólias exóticas se despetalam na grama verde e alcatifada de uma visão querida.

Serena e linda cidade, abençoa o teu peregrino filho enquanto outros também ilustres e formosíssimos talentos vêm de longe comendo o pão estrangeiro, sorvendo o fumo da hospitalidade e espiam enternecidos, impotentes, rio abaixo, o cadaver rebocado de um soldado.

8

Pelas duas horas da tarde do dia daquele memorável combate, comandado por um sargento, menos de um terço da diligência entrava vergonhosamente destroçada na cidade.

Cabisbaixos, batidos, desapontados, capengando uns, feridos outros, desarmados, desmuxilados, sem kepes nem capotes, os soldados foram cercados de uma multidão insolente, de indagadores desocupados.

Autoridades alarmadas esbofavam valentias, recriminando a imprudência do tenente infeliz, que agora sabiam ter perecido no combate.

Todos os profetas de cumbuca resmungavam:

— Ah ! Eu não disse ? Stão brincano, não ouve a gente...

— Eu bem dizia também que Dó não corria ?

— Quem não stava veno logo ? . . .

— Eh ! poizé ! Argum se fosse eu, eu seio o que devia faze.

— Ah ! Se fosse eu o Dó em dois tempo me pagava; não seria mais home, nunca !

— Eh ! E o culpado foi o que discordou da nossa pinião e arrumou pro abismo. Ele é quem morreu e os outros stão palitano os dentes no seu defunto sossego.

— Cé qu'é devera ! . . .

— É tarde demais para semelhantes lástimas, resmungou o sargento chegando às portas do quartel; e indignado, volvendo para as autoridades, virtualmente cúmplices daquela desfeita, exigiu:

— Quero que os senhores me forneçam bons remadores e canôas. Temos que procurar o cadáver do nosso comandante que só depois de vinte e quatro horas e portanto na madrugada d'amanhã, sairá do canal da ilha. É preciso cuidar-se dos feridos que vieram e procurar outros que andam perdidos pela mata.

Assim, sim.

Durante o dia, isoladamente, iam aparecendo os heróis em péssimo estado: famintos, esfarrapados, estenuados.

O alvitre do sargento deu excelente resultado.

Vários canoeiros postados aqui e além saudavam o rio.

O único que sabia do lugar onde se dera o naufrágio era o Pedrão que seguira a frente com o sargento.

A consternação empolgava a cidade.

Desde o instante da notícia fatal os sinos dobravam funebremente.

Os conciliábulos ferviam por todos os cantos.

Destemidos patifes e gargantas se ofereciam para um desforço visionários de perigos ao longe.

Planos de combate, estrategias de extermínios, infalíveis vitórias prometiam cabeças sangrentas em represálias.

O telégrafo nacional, lamuriento e fatídico alarmava a capital.

O chefe de polícia acodiu prontamente com um reforço da vila mais próxima sob o comando de um oficial, valente destemido e de sua confiança, ordenando-lhe o arrasamento sem misericórdia da horda resistente.

Desde aquele momento não cessavam mais os telegramas:

— Dó às portas da cidade, cidade ameaçada de morticínio, saques e incêndios.

Ordem imediata de prepararem-se batepaus para a defesa da cidade até que ali chegasse o Capitão Felão. (11)

Felão !

Quem era Felão ?

Um antigo e evadido remeiro de uma das barcas do São Francisco no porto comercial de Januária.

Em 1882, vindo do norte por ajuste de contas, devendo ao patrão, desaparecera do serviço e dele só se tivera notícia quando soldado, assentando praça em Ouro Preto.

Isto quer dizer patrão logrado.

Por esse tempo a polícia era o coletor das piores camadas sociais. (12)

Ele, um crioulo alto, grosso, um corpanzil desabusado, desenvolvido pelo manejo dos remos, e varapaus nas barrancas do rio, burro no transporte de cargas pesadas, de saiotes às cintas e negros gilvazes ao peito (calos de varas), dentuça forte e alva, traquejado de noites inteiras ao relento dormindo em esteiras no chão puro à beira do fogo e à beira do grande caldeirão da quotidiana feijoada, comendo jacuba (farinha com água, limão e rapadura) baguanceiro mór nos povoados, provocador de polícias, porreteiro cachaceiro e sabujo de cadeia, tal o tipo que se ingressara na polícia de então.

Analfabeto em absoluto, farda do governo na cacunda e tais predicados requeridos bastavam para um futuro oficial que logo cedo primava-se por violentas prisões em diligências arriscadas, brutais espancamentos e assassinatos de criminosos de empenhos. Assim subira os primeiros degraus da carreira por atos dessas bravuras-serviços prestados ao Estado.

Nunca levara ao respectivo destino um criminoso de certa nomeada porque liquidava-o, assim o infeliz caisse em seu poder; e para isto andara sempre encostado a uma guarda negra e temerosa de soldados cavereiros afeitos ao sangue, guarda por ele escolhida que executava-lhe as ordens terminantes.

— Eh ! meu filho, dizia sempre ao paciente em suas garras de canguçú; (13) até que enfim veio você cair nas unhas do teu pai Felão !

— Eh ! seu capitão, mais eu. . .

— Fez mal nisto; podia ter fugido !

Antes assim.

—Eh ! mais. . .

— É isto mesmo São coisas. Mas, prá tudo tem geito e você não se arrependerá.

— Como seu capitão?

— Não disse? São coisas! Uso muito desses favores que nem a todos eu concedo, mas concedo a você que tem patrão graudo. Agora eu te meto na cadeia, vem o juri, teu patrão vem por aí; tem dinheiro, tem posição social e palavra vem, palavra vai, conta os seis, a meia dúzia e bumba! Juri de sertão que não vale meia pataca e só condena gente pobre, gente ruim e desprotegida e aê cá teu couro, vancê sabe, vancê viu, jurou certo, jurou falso, prá morto sepultura e prá quem stá preso, escapula pau! cidadão na rua!

Você solto!

E você solto bota em perigo de vida o teu pai Felão!

Vou passando descuidado no caminho, numa moita, atrás do pau, n'alguma loca de pedra, numa loca de tatú, mesmo na rua, de dia ou de noite, duma casa velha, de um beco, eim? eim?, que diz?

— Eu num sou capais disso nhor não, seu capitão. Ave Maria.

Ah! mais eu não stou dizeno que seja você; stou fazeno as minhas comparações, você não acha?

— Eh! é isso mêmo!

— Menino eu sou mais velho e já esperava pela resposta. Eu ando cansado de ver tanta miséria. É ou não é?

— Vancê tem razão.

— Poizé! Eu não quero nem desejo te perseguir e te aconselho: vá-te embora! vá-te embora! Fuja, mas olha lá, com jeito, stá claro, prá mode os soldados não te verem.

— Vá! Vá! aproveita o momento! Corra! Corra!

E o preso acreditando em semelhantes lábias, arranca-va-se.

Ele, dando de olho à sua guarda já prevenida e adestrada nessas traições, fazia um berreiro, uma patacoada qualquer e as balas assassinas prostavam a vítima.

E lavrado incontinenti o auto de resistência.

Eis o Felão correndo a marcha-marcha, doze léguas, de Brasília (14) para socorrer a sitiada cidade de São Francisco. (15)

Sua chegada coincidira com a do cadáver do tenente Batista, com efeito, rebocado por uma canôa em estado de putrefação, desgarrado das bordas da ilha e precipitado para o meio do canal, quase uma légua abaixo.

Sendo a água um excelente condutor, no momento em que o cadáver fora encontrado, ouviram-se disparos ao sul.

Diminutos riscos negros na distância atravessavam o calmo espelho do rio, no pontal.

Eram Dó e seus companheiros que fugiam.

Reconhecido o cadáver pelo vôo precipitado de um urubú da margem para o meio do rio, os canoeiros para lá se dirigiram e, com algum trabalho puderam aproximar e amarra-lo.

Entre os mais esforçados na caridosa e fúnebre tropa, foi de justiça confessar-se a coragem estoica do soldado Pedrão, o mais arrojado de todos.

Mas o sargento, estradeiro velho, desconfiara; lembrando d'alguma estratégia imediatamente bradara vigilante:

— Amarra-lo somente pelos pés, sem mais nada tocar.

Movera-se a população inteira para ver os restos mortais do herói que, retirados d'água e conduzidos para o quartel erigido em câmara ardente fôram revistados pelas autoridades, tendo-se encontrado em uma cinta cerca de quatro contos de reis, recolhidos depois de desinfetados.

— Ah! o Pedrão que a isto assistia chorou copiosamente pelo seu infeliz comandante:

— Eu sou muito burro, sou sem sorte! suspirou.

Ah diabos! quatro contos de reis na nota, nas pelegas!

O enterro se fez com a máxima presteza, pois tudo estava de antemão preparado.

Salvas e continências sob o comando do capitão Felão.

9

Vargem Bonita! Um esboço de povoado nas abas de uma chapada na freguesia de Brejo do Amparo, município de Januária a 15 léguas desta cidade e a 22 da de São Francisco, com risonhos montes ao longe, férteis terras, ares puríssimos, circundando-a viridentes prados e brejos banhados por um ribeirão de águas frescas e doces.

À margem do planalto que se desdobra para oeste, rumo às nascentes do Carinhanha, aí plantaram os camponeses sua capelinha sob a invocação da Senhora Santana.

Os moradores da Vargem são numerosos no conjunto; mas, espalhados aqui e ali uns dos outros, medeiando kilômetros para mais e para menos segundo a necessidade das culturas e a extensão topográfica das propriedades de cada qual.

A exceção da escola pública com alunos de uma légua e mais em torno, são raras as pessoas que alí residem por falta absoluta de comércio.

Quem entra, encontra logo em um comprido retângulo de choças novas de palha de burití, efêmeros ranchos anuais

por ocasião da festa da padroeira.

No centro desse retângulo está a ermida, que na oportunidade fica repleta de devotos, de peregrinos e de exploradores do comércio ambulante.

Embora nesse ano, pelo seu adiamento, comece a festa um tanto fria, nenhum outro incidente perturbava o rítmo alegre e comunicativo da gente campesina.

Cargueiros e mais cargueiros iam chegando estabelecendo-se nos ranchos em número de setenta e cinco, ou improvisando barracas nos flancos da chapada, onde esperavam o grande dia.

O velho Anselmo e sua mulher, encarregados das chaves da ermida, tratavam de orna-la decentemente, pois não tardariam os dias da novena.

Moravam retirados dalí cerca de uma légua, mas nada faltava.

O templo permanecia sempre aberto aos peregrinos para o cumprimento de suas promessas de graças alcançadas.

Na ocasião das solenidades vinham eles, então, arranjar também sua barraca e no povoado ficavam até depois da festa.

Nesse ano, porém, notava-se que os dois velhinhos andavam um pouco tristes, sem que ninguém ousasse indagar-lhes as razões.

Não obstante acabrunhados e silenciosos trabalhavam de boa vontade e por devoção sincera; e por mais que quizessem guardar toda a discreção, Ana, a esposa de Anselmo, perguntou-lhe certa vez:

— Mas Anselmo, ando a notar que você, tão alegre, agora que a festa está na porta não parece o mesmo home; que hai?

— Hoje é dia de jejum, é bespa (véspera) do dia de guarda.

— Um! Já você começa com inzona (16). Que hai antonce? Nada, nada!

— Nada? E como eu vi você coge chorano na igreja hoje? Eu coge chorei tombém pruque vi uma coisa extraordinara.

Anselmo estremeceu empalidecendo visivelmente e guaguejou escancarando a boca:

— Eim? você viu...

— Vi...

— Viu o que?

— Não seio... mas vi.

— Você viu o que? indagou aflitamente. Eim?

— Eh! eu digo mais a você só. Tomara que você vá contar...

— Mas o que é?

— É segredo. Na hora que eu stava alimpando o altar eu vi que a Senhora Santa stava chorano.

— O que é minha veia?... Que stá dizeno?

— Se tú batê c'o a lingua, eu direi que é mentira tua, que eu nunca te disse nada.

— Não percisa isto, pruque eu também vi!...

— Eim? você também viu? Ruparou bem?

E os dois velhinhos se entreolharam por algum tempo, emudecidos numa ternura imensa, chorando também.

— E não me dirais que significa isto? Que pensa você?

Seio lá! minha véia! Eu acho é que nois stomo pra morrê e que é só este ano que nois insiste (17) a festa da Senhora Santana. Ela que stá charano é pruque é.

— É mêmo meu veio; tú tem rezão. Ond'i qu'eu stou co'a cabeça?

— Eh! apoizé!

Enquanto isto, duvidosos, insistentes e truncados rumores de lutas intestinas corriam céleres entre romeiros de diversas procedências, e o que seria mais grave, marchando no rumo de Vargem Bonita.

Notícias frescas de Januária confirmavam a verdade.

Foi o bastante para que romeiros amedrontados e outros mais avisados deixassem logo Vargem Bonita.

Não demorou muito que uma rubra e alta coluna de poeira se desenhasse no horizonte rumo a estrada do rio Pardo para os lados do São Francisco.

Ao cair da tarde daqueles dois dias, entrava em Vargem Bonita a grande comitiva armada de Antonio Dó.

Vários os camponeses que fugiram.

Como o lugar não dispusesse de recursos, outros permaneceram na esperança certa de que só a presença de Dó, que era muito conhecido e falado naquelas paragens, servisse de boa garantia para a paz. E o borborinho de falas entrara pela noite em plena confiança.

Até aí chegara Dó são e salvo, mas ignorando tudo o que se dava desde sua partida.

Desconfiava apenas; e desconfiado tornara as dúvidas precauções, pois, soubera então que uma força do governo seguira-o de perto. Até muito tarde manteve-se em palestra com

amigos e conhecidos, tendo antes cuidadosamente sondado o lugarejo para o caso de um ataque imprevisto.

Tudo frágil!

Só o templo e a cozinha da escola pública tinham paredes de taipa. O resto uma bastilha de palhas de burití — fragílima barricada!

Pode em segurança a tropa acampar-se, ao relento, no mato próximo.

Luar explêndido e um silêncio absoluto.

Até um pouco além das doze horas nada de anormal.

Dó, sempre vigilante, não dormia.

Pelas duas horas o chão duro da chapada começara a soar sob patas de cavalo.

Com efeito dois cavaleiros embuçados penetravam cautelosos no povoado, chegando até a ermida; seriam romeiros chegando?

Dó, aproximando-se sem ser visto e amparado pelas sombras dos ranchos, ouvira o seguinte de um deles:

— Mas senhor Andalécio será possível que esse homem aqui esteja homisiado e onde? Nem de doido! Caçada perdida!

— Senhor capitão é assim mesmo; mas, não há dúvida. Ele está é aqui e é de uma astúcia diabólica. O meu receio é de uma surpresa desagradavel.

— Disto não me arreceio. Infeliz dele se eu o apanho na boca do meu F.M. ou na ponta da minha espada.

— Vamos sumir daqui capitão Felão! Podemos ser observados.

E os dois retornavam o mesmo caminho, desaparecendo para os lados da chapada.

Dó, voltando, dispos sua gente entrincheirando-se em um barracão de tirar barro.

No fundo da rua do losango havia uma engenhoca de moer canas; entrincheiraram-se ali também.

No caso de uma derrota possível, contornaria com os seus, a todo custo, as matas da esquerda, alcançariam a cavalhada que estava de prontidão e tornariam rumo norte.

Não há mais dúvida; resistir até o último cartucho!

Estavam perseguidos pela polícia.

Seriam quatro e meia da manhã quando ouviu-se uma formidável descarga à entrada do arraial.

Levantou-se um clamor enorme.

Eram famílias varejando paredes de palha, fugindo às

balas que as atravessavam e recolhendo-se ao fundo do grande retângulo.

Recrudece o tiroteio.

Os soldados por ordem do comandante largam fogo às palhoças.

O vento encanado do deserto ateou as labaredas e em poucos instantes o grande retângulo de ruas provisórias estava reduzido a um terroroso incêndio e nessa infernal catástrofe os últimos gritos dos que morriam.

Estavam fora do perigo os sitiados, ocupando frágeis tirncheiras: o borracão e a engenhoca; e dalí observavam o movimento da força, atacando e derribando as portas do templo.

Dó ordenara que ninguém abandonasse suas posições e todo o esforço para que não se perdesse um tiro.

Entre mortos e feridos, muitos os soldados fora de combate.

Felão, escondido e bem escondido em um brejo, tremia de medo, vendo a perda de seus camaradas e o perigo de uma emboscada.

Chamando um sargentinho, mandou observar o entrincheiramento e posição do inimigo.

— Seu capitão, V. Sa. não observa que o fogo rompe da direito e a retaguarda está reforçada pelas turmas de jagunços? É gente como os diabos! V. Sa. observe bem!

Vinha rompendo o dia. Felão olhou e observou mal.

— Mas eu estou mandando que você vá sondar o campo.

— Ah! senhor capitão, sei que devo obedecer, mas, não vou.

— Não vai? E por que não vai?

E arrancando da espada deu violento golpe no sargento que caiu fulminado... mas por uma bala.

O sargento tinha razão e observou pior.

Troncos negros de árvores e coqueiros cabeçudos comó que acordavam assustados de terror dessa noite trágica e espiavam o combate "atirando" também.

Felão recuara com receio de ser envolvido.

Quase ia morrendo com o sargento.

Um tiro de carabina partiu de uma palhoça que de todo não ardera ainda. Por detrás de um pilão de aroeira um jagunço abiscoitara o sargento e o derribara.

Mas, o fogo do incêndio expulsara o jagunço da choça e seu pilão e, uma vez a descoberto, caira também sob as balas.

— Snr. Dó, disse um jagunço, meu filho acaba de cair agora mesmo alí e eu vou socorrer meu filho.

— Não seja imprudente, moço! Não se retire da trincheira que morre!

— Nem que morra!

E saiu para cair logo adeante por terra.

Eu não disse? Teimoso!... exclamou Dó contrariadíssimo por ser aquele homem de sua íntima confiança. (18)

Restava ainda um pouco de noite naqueles ermos, mas o sol não tardaria muito com os seus primeiros raios.

Dó, notando o recuo de Felão, abriu violento fogo por esse lado, forçou a passagem; e, contornando o inimigo, desassombradamente retirara-se com a sua gente, sem ser perseguido, sofrendo pequena baixa.

Cessara o fogo pelas sete horas. Uma coisa só incomodava o Dó desde a meia noite:

O Andalécio!

Com certeza foi ele o guia de Felão.

Por que? qual o motivo porque se prestara para tal fim e por que denunciara-o como ladrão de bode, ele outrora tão seu amigo?

Durante o combate procurou-o com ansiedade na mira de sua carabina; mas, dele, nem notícia.

Onde se escondera o patife?

—Deixa-te estar, meu Andalécio, que um dia ajustaremos contas! murmurara Dó já bem distante de Vargem Bonita.

Terminada a luta, à crua luz do sol azíago daquele dia das cinzas e do brazeiro fumegantes, retiraram-se os cadáveres de soldados, camponeses, velhos, mulheres e crianças esturricados e entre esses o de uma parturiente que se ardera com o filhinho recem nascido.

Do povoado restavam de pé a escola coberta de telhas e a capelinha, onde um surrão de moedas foi saqueado pelo nosso conhecido soldado Pedrão, a título de recompensa da campanha, único tesouro das romarias.

O Pedrão estava rico com o seu surrão de ouro que no final de contas era de cobre de vinte e quarenta reis e servira de gostosa pilhéria entre os camaradas, bem como a funda dum cadáver que ele pensara ser dinheiro.

Durante a tarde, carregados os cadáveres, encheu-se com os mesmos aquele largo e fundo buraco, que pouco servira de trincheira e até hoje é o túmulo de tantos desventurados.

Da capelinha fizeram quartel e cozinha.

A imagem da Senhora Santana foi metida numa bruaca de couro e levada como troféu para São Francisco, onde a diligência frustrada chegou dias depois num desapontamento de derrota (19).

10

Marcelino, o azinhavrado, o contumaz jogador, o inveterado ladrão de gados, depois de ter liquidado avultadas somas nas "orelhas da sota", andara de Herodes a Pilatos a braços com a justiça e a polícia, tendo provado a cadeia e dela saido ileso pelas escandalosas proteções de comparsas influentes.

Inesperadamente descoberto como assassino do inocente José, raspa-se do Município.

Procurando um recanto do mundo onde esconder-se e temendo as iras de Dó que sabia ser inexorável, afundara-se em um dos sertões isolados ao oeste de Januária, onde com lábias e treitas (20) arranjara casamento com uma viuva de alguns recursos.

O criminoso, julgando-se a bom recato e embaraçando pesquisas judiciárias por meios disfarçados de presentes, dinheiros e adulações, espiava da toca os acontecimentos.

Exultou-se, quando soube das perseguições ao Dó.

Estaria livre de seu maior inimigo, vendo-o irremissivelmente perdido a qualquer instante.

Por linhas travessas tivera notícias do fracasso da Bôa Vista, da fuga e perseguição tenaz das autoridades ao mando, expresso do governo e ansiosamente esperava pelo desfecho de Vargem Bonita ou de qualquer outro local, certo de que ele não poderia jamais respirar livremente, até sua definitiva queda.

Grande foi o seu susto, quando o rumor do insucesso da Vargem chegou até sua casa.

Olhando adeante e atrás, Marcelino tremera.

Deixando Vargem e suas ruinas fumegantes, Antonio Dó estava convicto, sabia, que aquela resistência era imperdoável e que seus inimigos não dormiriam.

Precisava a todo o transe deixar Minas Gerais e homisiar-se seguro em terras baianas ou goianas por lugares afastados do contacto telegráfico e despistar a polícia.

Tinha porém uma obrigação a cumprir e a ocasião era

propícia. Em menos de oito dias poderia ganhar a fronteira goiana em viagem desafogada, isto de um lado.

De outro, os mesmos dias para a da Bahia embora tivesse uma caminhada extenuante.

Medindo circunstâncias e perigos de travessia, quase toda ela deserta, afronta consequências e lança-se no caminho baiano.

Em vez de subir desce à beira do São Francisco dirigindo-se pelo distrito do Mocambo.

Inteligente e estradeiro, indaga, corta rumos e anda o mais depressa possível.

Urgente o seu caso; a parar um instante nem por pensamento.

Aproveitando dia e noite e tomando um guia, este o conduz entre acidentadas serras, pousando ao entrar da noite em um vistoso sítio.

Grande fogueira iluminava um páteo.

O guia estarrecido parou.

Era alí.

A comitiva apeiara-se.

A casa apresentava um aspecto triste com um cadáver à sala:

Marcelino!

Dó perdera a caçada.

Marcelino, acabrunhado de remorsos e avisado em tempo dos desastres da Vargem e da aproximação de Dó de sua casa, suicidou-se.

Nada mais a fazer.

No dia seguinte sem demora, a comitiva por viagens forçadas alcançava o platô central a que se desviara, deixando o Estado de Minas.

11

Disimada e desmoralizada a expedição que de retorno trazia como ato de bravura, saque e troféu, a imagem da Senhora Santana roubada ao templo e conduzida por escárneo em uma bruaca de couro crú. (Nota do Autor).

Qual se de uma notável guerra de extermínio, bem distante por detrás daqueles brumarentos horizontes, espiavam-na os fantasmas da animalidade soldadesca: as desonras, os defloramentos, os estupros, o sangue, os espancamentos,

as violências indizíveis, o desrespeito às famílias patrícias, e com eles o rancor, a maldição, o ódio, a sede de justiça, a desconfiança, o luto, a dor, toda a realidade de coisas brutais, selvagens, apagados todos os escrúpulos desses pseudo garantidores da ordem e da moral, embalde reclamados aos poderes públicos depois da catástrofe de muitos inocentes.

Aos olhos do governo alarmado pelos dirigentes — únicos responsáveis — Dó tomou vulto, cresceu.

De perto, um cangaceiro, um celerado vulgar, criminoso e terrível bandido; de longe um caudilho à frente de poderoso exército, de fanáticos desaforados, atrevidos, um general insurreto das caatingas dos sertões, ameaçando o poder constituido (21).

Contra o desordeiro despachou-se uma segunda expedição mais bem preparada, com planos estratégicos combinados, que, sob o comando de um tenente desbarataria o inimigo, antes que este penetrasse em terras divisórias doutros Estados.

E o contingente voara da capital, embarcando-se em um dos vapores da navegação do São Francisco, arrebanhando pequenos destacamentos, encontrados na sua passagem.

Apressado pisa em território baiano, em Carinhanha, onde é avisado por viajantes do interior, que o inimigo com muita gente acampara naquele Município, ignorando-se sua marcha.

As mentiras eram muitas e exageradas.

O comandante não se desanima, tomando todas as precauções requeridas em terreno estranho e interna-se pelo sertão agreste na direção indicada, levando guias e avantajando-se o mais que pode.

Infelizmente para o Dó e sua gente a inutil desafronta do Mocambo retardara-os muito.

As munições de guerra quase esgotadas e a de boca do mesmo modo.

Obrigado a evitar o contato de lugares povoados, buscava os ermos de moradores escassos e sem recursos; e, pior que tudo, fugitivos, escorraçados de notícias que corriam mundo nas asas dos ventos.

Sua maior preocupação e quase dever era evitar um cerco a esquerda em linha reta, cortando-lhe a passagem para terras goianas, sua última esperança.

Essa visão plena, forçou-o a uma engenharia tática: avançar e atravessar primeiro o rio Carinhanha nalgum ponto ignorado e em curto zig-zag cortar uma nesga de sertão baiano,

pender um pouco a esquerda e entrar em Goiás.

Assim planejara e estava muito bem; mas péssimo o estado de sua cavalhada.

Sua gente, embora aguerrida, sentia fome.

Gastara um tempo enorme para ganhar o planalto central, atravancado de vertentes, pântanos e soberbas léguas de buritisais.

Pelo caminho pode ainda reunir alguma gente, porém pouca, destemida, se bem que destrenada.

A primeira fase nascia.

Restava a etapa da segunda: isto é deixar a Bahia, atravessar de novo o Carinhanha, o trecho mais perigoso e difícil.

Quase vinte dias que se ausentara de Vargem Bonita.

Deixando a bagagem de sua comitiva um tanto pesada, garantida por mais de uma dezena de combatentes, avançava sempre mais de légua esperando-a.

No décimo oitavo dia, atravessando o planalto, defrontara-se com uma casa de palha, nas asas da chapada ao pé de um extenso e luzido pindaibal de uma vertente.

Dirigindo-se para lá, beirando uma curta nesga de campo aberto encontrou-a vazia.

Seus habítantes, abandonando-a esconderam-se nos matos em vendo aproximar-se a cavalhada.

Casa de taipa caiada a tabatinga.

Uma cerca de madeira branca defendia formoso mandiocal mais comprido do que largo.

No oitão da direita roncava no chiqueiro enorme capado, enquanto do poleiro forte, galinhas espantadiças esvoaçavam-se mexeriqueiras.

O galo do terreiro na sua imponência, ralhava em sua linguagem rústica:

— O que é isto Cocó?

É fome! gracejou um dos recem chegados provacando uma gargalhada geral, enquanto apeiavam-se todos.

Cedo ainda.

Seriam cerca de nove horas da manhã.

Com efeito, fome devoradora!

Imediatamente mataram o porco, limparam o poléiro de galinhas, fizeram fogo, desembarcaram panelas de barro, prepararam sem demora um excelente almoço.

Dó, ao apeiar-se foi o seu primeiro cuidado examinar o local, procurar uma passagem através da vertente e mandar esconder a cavalhada do outro lado, em lugar seguro.

O almoço serviu-se em um vasilhame de barro alí encontrado.

Enquanto comiam disse o Dó com o maior sangue frio:

— Meus amigos. Estou com um pressentimento.

— Qual? perguntou um dos companheiros.

— Diz-me o coração que hoje vai ser um dos nossos maiores dias.

— Queira Deus que não estejamos expostos a um cerco!

— Que cerco? Cerco, nem por sonho! Por onde?

— Pelo rio de São Francisco, desembocando-se em Carinhanha!

— Que esperança! Está bem distante e não há tempo! bradaram todos.

— Tempo tivemos nós. Podíamos estar salvos. O erro foi todo meu em dar aquela volta irrefletida pelo maldito Mocambo para vingar a morte de meu irmão. Quantos dias de atraso não custou isto?

— Nada quer dizer.

— Em nosso caso não dizemos isto, há toda a importância.

— E que pensa o chefe então? indagou um outro.

— Se um cerco se efetivasse, por exemplo aqui, ninguém deveria esmorecer de modo algum...

Dó suspendeu por instante o que ia dizendo, lembrando-se de medida de muita importância.

Chamou o seu irmão.

— Herculano?

— Pronto!

Recolha toda a carne, toucinho e galinhas, sem demora, para os cargueiros que vão tardando demais aqui chegar. Estão a entrar...

Palavras eram ditas: quando entraram na casa quase correndo dois robustos camponeses irmãos Zé Jardim e Bento Jardim ambos aliciados por Dó um dia antes de sua passagem em casa de sua mão viuva D. Marinha.

Um espanto para todos.

— Que há meninos? Onde estão os cargueiros? indagou Dó.

Apressou-se Zé Jardim:

— Fomos assaltados pela madrugada pela tropa do governo no momento em que partíamos.

Travamos combate e o fogo cerrado durante algum tempo; o número de soldados superior ao nosso.

Mortos alguns camaradas os cargueiros cairam em poder do inimigo. O comandante sabendo que éramos filhos de D. Marinha, ateou fogo à casa de mamãe reduzindo-a a cinzas.

— Bandidos ! exclamou Dó.

— E vocês ?

— Desde essa hora que estamos correndo para avisar, dando muitas voltas pelo campo. Supunhamos que já tivessem aqui chegado, porque eles aí vêm; e neste caso não tardarão muito.

— Já eu contava com isto ! Meus amigos, às armas. E nem mais um minuto nesta casa. Corramos pelo mandiocal. Boa trincheira uma floresta de pindaibas. Apertem bem as cartucheiras. Pontaria segura. Poderemos dalí resistir as melhores forças do mundo. Se correrem, voltaremos aqui; se não correrem os animais estão do outro lado do pântano e nos derramaremos por este mundo de meu Deus rumo ao Porto da Cobra que não está longe. Atravessaremos de novo o Carinhanha e entraremos depois em Goiás. Lá ninguém terá essa ousadia. Segurem as armas, vamo-nos embora !

Decorridos apenas quinze minutos uma fuzilaria cerrada caia sobre a casa deserta e ecoava no planalto.

Dó e seus companheiros vigiavam do pindaibal.

Silêncio de morte.

Estrondosas descargas sul, norte, e nordeste.

Desse lado, pelo estreito caminho serpenteante ao pé do pindaibal vinha entrando a queima roupa o troço comandado pelo tenente a marcha-marcha para o assalto, numa gíria infernal de imprecações, cortadas repentinamente por múltiplas descargas partidas do pindaibal.

Os soldados esparramam sem mais tempo de tomar posição.

Muitos caem para sempre, outros atônitos resistem atirando a esmo.

O tenente tomado de surpresa mal teve a idéia de entrincheirar-se detrás de um cupim, vendo-se exposto e observando que os pipocos rebentavam daquele escuro antro do pântano.

Os do sul e norte alcançavam a casa e de lá faziam fogo.

E o pau berrava violento.

Um inferno !

De vez em quando um soldado, outro, mais outro, outro mais ainda.

No meio da balbúria uma voz se elevou dorida:

— Acudam-me ! Estou ferido !

Era o comandante que no momento em que a luta estava acesa tivera de cometer a imprudência de espiar por cima do cupim, fora alvejado e a bala arrebatando-lhe o kepi raspara-lhe o couro cabeludo donde escorria sangue aos borbotões com prejuízo de um pedaço do crâneo.

Não cessara o fogo, senão quando a notícia se espalhara de que o comandante caira gravemente ferido e pedia socorro. (22)

Nada mais.

Recolheram-se os feridos. Enterraram-se os mortos. À tarde deram uma batida pelo pindaibal.

Tudo silencioso.

Encontraram a passagem através do pântano. Do outro lado, na lama do chão negro as pegadas dos que haviam partido e o sol moribundamente entrando nos chapadões do oeste.

12

Era no sete de setembro do ano da graça de 1926.

À margem do ribeiro Tocorombó, de Goiás, despertava do sono a pequenina e risonha vila do Sítio de Nossa Senhora d'Abadia, recentemente cidade.

Um resto de névoa tenuíssima da cerração dos campos revivia uma periclitante primavera que nesse ano renascera mais cedo.

Perfumados ares de um delicioso agreste !

A natureza retemperava-se aos rebentos de luxuriosa verdura ondulada de relvas verde-louras, num tapete coberto de açucenas, de ervas e arbustos floridos, suavisando a aridez dos meses caniculare.

Uma aurora divinamente rósea cinzelava o infinito em pedaços e estrias de nuvens, num desmaiado ceu, ora violáceo, ora azul vivo e forte com as tintas do ouro dos primeiros raios de sol pelos araxás de leste.

Ao transpor o ribeiro Tocorombó, logo à entrada da vila, destacava-se a casa grande, a primeira da localidade, residência do Presidente do Estado.

Um pouco afastados, quase para o meio da rua, dois frondosos imburís postavam-se deante da calçada.

Abrigavam àquela hora matinal, debaixo de suas fron-

des, um homem, franzino, mas vigoroso de mediana estatura, moreno, fronte alta, olhares penetrantes, porte concentrado, sempre afavel, porém.

Resguardado do frio por uma capa ampla, reconfortante, passava em revista um jornal recebido da véspera, contendo um vibrante artigo causticando o descaso brasileiro pelas festas nacionais.

Sete de Setembro! clamava o articulista. Uma decepção! Grande data nacional, apenas comemorada na Capital Federal e numa ou noutra capital de Estado!

O resto do mundo desta grande pátria tem o prestígio das folhinhas de parede, com uma pequenina cruz marcando a data — festa nacional —.

Aqui em nossa capital, ausente o governador, que é a única alma vibrante, temos certeza de que os festejos oficiais serão um cateretê da pátria, uma conversa fiada.

A ignorância do povo confunde liberdade com novidade, não age, não se levanta nunca senão quando cheira algum escândalo que sirva para exploração.

Um dia feriado como êste é um feriado como qualquer outro.

Os decretos podem conter chamas ardentes; porém, esse calor não tem efeito em almas destemperadas pelo gelo.

Não nos aquecem.

Muita gente ignora até se o Brasil foi descoberto.

Não sabe nem quer saber como xavantes ou carijós emblocados eternamente na solidão íntima do país, lá pelos campos do Araguaia.

Pátria! Mentira! Puro interesse!

Se o chicote estrangeiro inda dominasse eim? Que vidão, que lamúrias, santo Deus!

Bravo! Bravo! Muito bem! Tivéssemos aqui um telégrafo, nesta hora, mandaria ao articulista os meus aplausos, disse o matutino leitor concluindo o estirão do artigo para recortá-lo depois.

— Bom dia, Exmo. Senhor!

— Bom dia!

— É Vossa Excia. o Senhor Coronel Joaquim Gomes, Muito Digno Presidente do Estado, a quem tenho a honra de falar? (23)

Dois viajantes!

Um de uns cinquenta e cinco a cinquenta e seis anos e um menino de quinze a dezesseis.

O mais velho que parecia ser o pai, homem alto e espadaudo, simpático, fronte desenvolvida, barba bem crescida, musculatura pesada, invejável no trabalho rijo, pulsos largos e fortes, boa dentadura, mãos ossudas e grandes, rosto comprido, olhos pequenos castanhos em chamas, um tom excessivamente cadavérico cortado de vigilias.

Criança e velho da mesma semelhança, morenos ambos, mal trajados, sujos, roupas em tiras de brim escuro, pés descalços, sangrentos e enormementes inchados de caminhadas recentes.

Armados, suas carabinas descansavam encostadas bem distante ao lado de um dos imburís enquanto descobertos naquela saudação, sustinham os seus grande chapéus de couro em respeitosa atitude, consertando ligeiramente os cabelos lisos empastados do suor da jornada.

O Coronel acostumado com aquele rostô de viajantes, transeuntes quase sempre diários pela sua porta à sua procura, dobrando o jornal que acabava de ler, olhou-os fixamente, maneiroso e delicado sorriu:

— Sim! Eu mesmo, criado para o servir.

— Agradecido! Snr. Governador!

— Naturalmente desejam alguma coisa, está bem claro e neste caso, assim no meio da rua... Apanhem suas armas e entremos para a sala. Cubram-se!

Como era perto os viajantes tomaram as carabinas e ainda descobertos acompanharam o Coronel, encostando as armas a um canto da vasta e ampla sala, sentando-se num comprido banco de madeira.

Não, isto aí é muito duro. Andem para cá. E indicou duas cadeiras de palhinha ao pé de uma pequena mesa cheia de livros e jornais.

Prasenteiramente arrastando uma de vime para perto do velho, isto é, do mais velho, disse-lhe com bondade:

— Quem é o senhor, donde vem, para onde se dirige e que deseja de mim?

— Senhor Governador. Queira V. Excia. desculpar. Somos do rio de São Francisco. Este menino é meu irmão. Chegamos até aqui apressadamente para nos valer da proteção de V. Excia. porque somos perseguidos. Eu sou Antonio, Antonio da França Dó.

— Ah! É o senhor então o Antonio Dó de quem se fala por toda a parte?

— Infelizmente, Exmo. Senhor!

— Folgo muito saber, senhor Dó.

E num tom sizudo:

— Tenho ordens terminantes do seu governo para capturá-lo imediatamente, assim penetrasse o senhor em meu Estado. Ao que respondeu Dó sem se perturbar.

— Conforta-me muito esta notícia. Ao menos minha vida está garantida, enquanto eu permanecer à sombra de V. Excia.

Agora, desculpe-me, mande dar-me o que comer e um pouco de descanso, porque estou morto de fome e de fadiga. Há cinco dias e cinco noites que eu e este menino caminhamos, correndo até, pela floresta do lado de cá do Porto da Cobra no Carinhanha, sem repouso de um instante.

— Do Porto da Cobra até aqui 25 léguas ?

— Sim, Excelência !

— Como é isto ? Deram fogo em Vargem Bonita e vêm daqui das margens do Carinhanha ?

— Explico a V. Excia. embora muito fatigado toda essa tragédia sem ocultar coisa alguma.

E Dó despejou sem artifício a verdade nua e crua do começo ao fim.

Como vê V. Excia. o último encontro depois de salvos pelo pântano do Sítio, foi no Porto da Cobra, onde demorávamos o tempo preciso para o preparo de jangadas de burití na travessia do rio; pois, não dispúnhamos de canôas.

Esta demora perdeu-nos.

Fomos surpreendidos pelo inimigo.

Eu e meu irmão nos achávamos do lado de cá esperando a nossa gente lançar as jangadas, quando ouvimos um tiroteio cerrado na outra margem.

Oh ! Foi um salve-se quem puder.

Demorou pouco tempo porque a carreira pelos matos parece ter salvado a todos.

De nada mais soubemos até a presente data.

Desconfiados de possível perseguição nos internamos por lugares ínvios e como dissemos — dia e noite até aqui. . .

— Para cairem mais depressa em meu poder. Com efeito ! Snr. Dó ! Com efeito !

— É assim mesmo a vida Excia. Faça de nós o que entender.

— Bem ! Com licença !

— Toda, Excelentíssimo !

E sumiu-se o Coronel lá pelo interior, onde se demorou alguns instantes.

Ia o sol bem alto.

Na pequena vila se divulgou o fato e alguns curiosos rondavam as janelas bisbilhotando, uns, outros de mais familiaridade invadindo a sala.

Tornando à casa o Coronel disse ao Dó:

— Inda há pouco eu me divertia com os senhores, com o fim único de esclarecer a verdade nalguns pontos que eu ignorava.

De tudo o mais já eu sabia.

Agora entremos que o almoço nos espera.

São meus hóspedes. Ninguém embalde procurou a casa de Joaquim Gomes. Estejam tranquilos de hora em deante. Nada lhes acontecerá.

— Ih ! disse um menino da rua, ist'é qu'é soldado ! . . .

Dó e Herculano entreolharam-se.

— Entrem. Não se assustem; comam a vontade e não me esperem, enquanto observo o que há; antes porém de entrarem apanhem estas carabinas, levem-nas para um canto.

Andem, andem ! Entrem, entrem !

Vou providenciar.

E arrastando os pés inchados lá se foram os viajantes.

— Coitados estão tropeçando. . . Não reparem o que vão comer.

E saiu.

Dó e seu irmão sentaram-se à mesa.

— Nunca esperei, meu irmão, semelhante proteção. Só Deus !

Começou o almoço.

Fervilhou o povo.

13

Nesse momento, comandado por um cabo, postava-se à porta do Governador a força pública de Minas.

— Alto frente ! Descanç. . . ar ! bradou o cabo, dirigindo-se ao Governador sem a respectiva continência:

— É Vós Sinhuria o Coroné Joaquim Gomes ?

— Camarada que deseja ?

— É a força do Governo. É que nois stamo atrais duns criminoso in desna São Francisco, Vargem Bonita, Sito, Passaje

dos Cobra, no Carinhanha, inté aqui. No Sito caiu ferido o nosso Comandante. Nos Cobra ô dispois da derrota dos jagunço, escapoliu o Dó e nois banquemo atrais dele memo nas pisada.

— E depois?

— Ô dispois é qui dizque qu'ele entrou aqui e stá escondido em casa de Vós Sinhuria e nois queremo ele. Vancê nos entrega o home.

— Que homem?

— O Dó. Já não disse? Nois stamo c'a precatora dele. Nois tudo sabe que não fais duas hora que ele mais o irmão dele stá acoitado aqui na casa e nois queremo dar a busca e prendê os criminoso.

— Cabo, como te chama?

— Pedro.

— Sim! Queira respeitar-me. Vá procurar em outra parte os teus criminosos; minha casa não é valhacouto de bandidos, disse o Governador já irritado.

— Eh! mais é que nos dissero... e eles stão é aqui memo.

— Entra cabo! porém, sozinho! Dê e veja como dá essa busca.

Entra! ordenou energicamente o Governador.

Lá pelo interior destrancavam-se portas.

Ao penetrar na sala de jantar, os olhos do cabo deram com as carabinas a um lado.

— As carabinas dele!... resmungou surdamente.

O Governador fez que não ouvira, mandando por uma criada abrir uma das salas laterais com janelas para o exterior ao fundo.

Clareou-se tudo.

O cabo estremeceu recuando.

Que viu o cabo?

Seis cabras bons em terrível atitude, de mangas arregaçadas, chapeus de couro desabados, duas repetições escancaradas e quatro peias de couro d'anta muito ensebadas nuns pulsos rijos.

Sentados e testemunhando esta cena, Dó e seu irmão.

Um suor frio gelou o corpo do cabo.

Disse o Governador apontando para o sofá, num tom ameaçador, medonho:

— Viu você algum Dó ou quem quer que seja, acoitado em minha casa? Responda! Boqueje ao menos uma das suas de inda há pouco?!

— Eh! Nhor não ! Vó Sinhuria! Não hai ninguém.

E um fio dágua se derramou duma das polainas.

— Soldado besta e atrevido. Não te faço a viola em cacos neste momento, em atenção à terra mineira. Estivesse lá ou aqui em minha casa, toda a tua ousadia inda era pouca, não bastava para insultar-me. Puxa! Pega chão pra teu Estado e safa-te da minha presença! Saia! E não caia mais noutra!

Pedro voltou deixando marcas molhadas no chão ladrilhado.

— O nosso Governador desfeitado!

Houve um sussurro na vila.

Um soldado velho viu a situação ruim e sabendo de quanto capaz o comandante na pabulagem e burrice, saiu da fila e pediu licença para falar ao Governador.

Admitido à presença deste, disse o soldado, fazendo-lhe continência:

— V. Excia. queira nos desculpar. O nosso comandante...

— Não precisa! Compreendo o que ias dizer-me. Estão desculpados. Muito bruto esse cabo! Que desejas?

— Que V. Excia. nos dê um ranchinho, pois estamos sem recursos, exauridos!

— Ah! Isto sim! Vê o que precisa e nada tem que pagar-me. No mais que vão procurar Dó por esse mato afora.

—Nós agradecemos muito a V. Excia. e é o que iremos fazer.

14

Mais lamurienta, menos arrogante e inútil do que a primeira, assim voltara a segunda expedição.

Nestas emergências e deante do terrorismo dos telegramas, resolvera o governador ampliar a jurisdição do delegado especial da vila Brasília até o Município de São Francisco, destinando-o para sede, afim de apurar os crimes e dar caça de extermínio aos bandoleiros do sertão.

Com amplos poderes e força disponível, renovara-se o famoso tenente Alcides Amaral, considerado o mais diligente e esforçado militar do sertão, o mais enérgico e desabusado dos delegados.

Investido do cargo o Amaral não se demorara chegar à sede, dando começo às investigações, instaurando processos

a torto e a direito num clima de enredos, de intrigas e despejadas denúncias.

Estado de sítio!

Ninguém com garantias.

A cadeia em poucos dias se enchera das mais disparatadas injustiças, dos absurdos os mais cruéis.

Pessoas inocentes, brutalmente espancadas pelas rúas, davam entrada nas prisões e alí maltratados a borrachadas e palmatórias, submetidos a interrogatórios desalmados.

Vários presos, seminús eram expostos aos dentes de cães policiais, e de nada valiam protestos.

E que protestassem!...

Quem?

Transeuntes para São Paulo alí misteriosamente deixavam a vida; retirados da cadeia eram conduzidos à lagôa de piranhas e obrigados a atravessar a nado, eram fuzilados.

O pretexto fundamental, certo ou incerto, consistia numa imaginária conspiração contra o governo.

Compondo uma lista negra, numerosas as vítimas chamadas à delegacia, mesmo entre pessoas qualificadas.

Dessas destacavam-se Antonio Barriga Branca, José Maria, negociante, Fabrício Viana e Elpídio Cesar, músicos.

Barriga Branca, velho de mais de 70 anos, pai de numerosa família, fora um dos primeiros.

Chegando à presença do delegado, e confiado na sua inocência, todo a salva-guarda de qualquer investida, recebeu do militar estas secas palavras de expressiva malvadez.

— Mandei-o chamar para ser executado!

E antes que recebesse qualquer resposta da vítima, sem mais nada, dá ordem de — fogo —! cai ao solo fulminado o infeliz.

Estava ainda o cadáver a escorrer sangue quando entrava o segundo — José Maria — homem distinto, há vários anos comerciante.

Tinha seus 60 anos mais ou menos.

— Às suas ordens snr. Tenente!

— Mandei-o intimar para morrer neste momento. Soldados, executem este senhor!

— Protesto snr. Tenente! Um homem de bem não se entrega assim. Não sou criminoso e nada devo para merecer uma execução.

E mais um tiro prostara a vítima ao lado da primeira.

— Que é dos outros dois que mandei chamar? troou o

ditador.

— Já estão intimados, snr. Tenente!

— E por que não os trouxeram? Voltem e tragam-nos debaixo de ordem!

E os soldados partiram.

O pânico estendera-se veloz e tragicamente por toda a cidade.

Dois homens de destaque social, sem crime nem processo, indefesos, inocentes!... e executados!...

Simplesmente revoltante tamanha arbitrariedade!

Exemplo virgem em toda Minas Gerais!

Não saciada ainda a sede de sangue, o farisaico e truculento canguçú fardado esperava mais vítimas, quando viera a saber que os dois últimos intimados haviam fugido.

Enfurecido, descarregou sua cólera num espancamento brutal sobre os detentos, renovando prisões outras por meio de falsas denúncias.

Entre esses infelizes achava-se o nosso conhecido Andalécio, januarense, casado e comerciante, rapaz de bem, de invejavel procedimento, envolvido também na suposta conspiração.

Requerendo habeas corpus e considerado inocente, antes de ser solto, barbaramente ceviciado, tivera a cabeça raspada, por metade, com um dos bigodes cortado a sabre.

Destarte, envergonhado, jurara não mais precisar viver e o Alcides não seria mais homem para desfeitar um homem.

E cautelosamente desapareceu daquela cidade.

Todo o sertão clamou contra a selvageria do desmandado policial, duvidoso de que ordens tais partissem do Governo de Minas.

Acatado e temido, impune e cruel o ditador impunha-se.

Oprimindo o Município e varejando todo o círculo de sua jurisdição, não somente cobrira-se de baldões como provocara outros crimes que até hoje perduram nos anais do extremo norte mineiro, que nunca fora terra de bandoleiros.

Execravel a recordação de dias tão funestos.

Nada para menos.

O policial desnaturado, lançando a semente da desordem, imprudentemente desafiava o bom senso e a justiça do futuro.

15

Noite alta!

De passagem e hospedados nas dependências de uma cabana, conversavam em meia voz à luz fumarenta de um candeeiro de kerozene, o Felipe Cara d'Onça e o Sebastião Couro Velho.

— O nosso Endelércio é um tanto ruim de geno; dizia o Cara d'Onça ao seu amigo Couro Velho; mais porém, Bastião, se diga a verdade: é um moço de vergonha, muito precatado e tem rezão. Não acha não?

— Eh! lá isso é. Cá comigo, eu no causo dele pr'eu comê calado... ódio! Eu fazia inda mais prá pió! Eu havera de fazê um finca-pé, e conde sinão conde, lascava o ferro no bucho do diabo que conde ele pensasse qu'inde não, já eu stava mandando ele rinchá nos inferno.

— Eu também lhe digo o mesmo. Ninguém vem prá riba de mim com sa bagunça não, que é pau! pau!

— É o que nois stamo prá vê com o nosso patrão. É trigue com trigue, dunga com dunga, dois durão memo. Sósei de mim que nunca levei desfeita pra casa.

— Oia! qu'esse estrimífugo vai dá c'o pau na paciença de muita gente. Diz que o outro é durão.

— Ond'é qu'ocê já viu durão prá bala? Rola, cuxixa, mais não manda recado; é só prá quem já nasceu impilicado, pruque sendo assim, não hai medo de quarqué desgraça.

— Nois se alemrba dos baruio do Antero?

— Eh foi memo assim. Nois se alembra.

— Apois o negoço é o memo. Bamo prá lá. É prá bafá, e nois bafa aquilo em dois tempo cum dois'zintem de golo e um tustão de polva. Nois cerca pr'aqui, cerca pr'alí, dois duma banda, dois de ota, dois daquele lado, dois do oto e o pau rola bunitim.

— E o coivarão levanta, eim?

— Nois agora vorta rico prá casa. Não hai trem que chega.

— Eu inda hoje fui nos pés da Santa Cruis alí no camin e me apeguei-me c'o ela. Eu disse a ela: Minha Santa Cruis, se vois me ajuda qu'eu seja feliz, cond'eu vortá eu é de trazê uma boa esmola prá botá em vossos pé. Eu é de trazê um presentim prá vois.

— E se Santa Cruis não quizé te escutá?

— Quem não tem cachorro caça com gato; quem não

tem gato oia pro mato.

— Mato memo, cé qué devera!

— Eh apois é!

— Ah! ah! ah! ah!

— Mais porém me diga uma coisa:

Por quanto o nosso chefe impleitô (24) a nossa gente?

— Dizem que foi por deis conto de reis; cinco adiantado e cinco conde nois acabá de concului o negoço.

— Stá bão!

Lá fora pela estrada mal distante ouvia-se um rumor surdo como que de falas num estalar confuso de alpercatas.

— Oia! Bastião! Escuta? É os menino passano. Fais suparação pr'ocê vê. Assunta bem!...

— É memo! Apois não é?

— Ora se é! Aposto que o patrão já stá diente.

Daqui no Dó tem léguas como que... e ele stá nos esperano cumo sem falta c'os outro.

— Mais não me digas, que será qu'ele vai fazê no Dó?

— Uai, uai, uai! Sem Dó, ele não fais nada. É mais mitrado e é quem sabe brigá. Quem briga c'o Dó, briga sem medo, stá de corpo fechado.

Cantavam os galos ao luar, quando aqueles dois tagarelas, sobraçando duas pesadas malas de cartuchos e pondo a tiracolo suas papacocos, deixaram a choupana, embrenhando-se na chapada ainda mergulhada na vastidão da noite.

....

No espaço oeste do extremo norte do sertão mineiro debaixo das veneráveis e silenciosas matas, campos gerais, campinas, veredas e palmares, na hora matinal se elevava flutuante e azulado o alto serro das Araras e mais além, em derrota das fronteiras goianas, o ribeirão da Aldeia.

É um lindo e fertilíssimo ermo, atravancado de numeroso sistema de penhasco, baixas serranias circulares e espigões retangulares cintados de pequenos e estreitos vales e torrentes perigosas, quando no inverno.

Quem os refocila pela primeira vez tem que conversar com a magestade imponente e crua da terra virgem de seios fartos e prodigiosos, parada, atenta e vigilante, carregada sempre de um perfume agreste.

Cruzada de trilhos estreitos e compridos que se vêm, mas não se sabe onde terminam, adivinha-se através do zumbido do percuciente dos insetos, a existência de alfurjas de animais bravios.

Entretanto, não é inteiramente desabitada.

Aqui, além, mais acolá, embora muito isoladas, acompanhando o leito fresco do ribeirão e seus contornos, medeiam-se velhas e novas choupanas de caiçaras, cobertas geralmente de palha de burití dentro d'alguma rocinha paradisíaca e rumoroso gado mantendo a vida camponesa.

Pois bem! Nessas solidões homisiara-se o Dó, voltando para Minas algum tempo depois de ter peregrinado em Goiás.

De bom trato, sociável, dera-se de amizade com os habitantes do deserto, entre outros o fazendeiro Praxedes (25) que se afeiçoara muito do seu vizinho.

Da derrota do Porto da Cobra bem poucos os companheiros, quase um a um que o procuravam participantes de sua sorte.

Menos preocupado de perseguições, mandara vir de São Francisco sua companheira, a Francelina, com quem maritalmente convivera por longos anos e definitivamente instalara-se nessa região mantendo um comércio ambulante.

Mesmo nessas paragens o boato levara uma vez só uma das incursões do famoso delegado especial do município — o Alcides; porém tal o aperto lhe propiciara o Dó, que apavorado nunca mais tentara aventurar-se além da sede.

Alcides e Dó se mediam à distância: "ou tu me decifras, ou eu te devoro", fumegava a contenda.

Passando em revista suas sementeiras, entretinha-se com o seu amigo Praxedes, horas e dias inteiros, ou, ao lado de Francelina despejava queixas íntimas de dolorosas recordações, parte das quais ela era testemunha ocular.

Mergulhado de uma feita nessas constantes preocupações, sem reparar, estremeceu-se Dó, vendo apeiar à porta de sua cabana um cavaleiro: Andalécio!

Andalécio, seu inimigo, o guia da expedição de Vargem Bonita!

— Temos novidade! pensou Dó. Mais uma cilada sem dúvida!

Estou perdido. Que fazer, porém?

Tomando atitudes reservadas, recebera o viajante sem dar a menor demonstração de sua desconfiança.

— Andalécio! Você por aqui?

— Não se assuste! Vim pedir-lhe proteção e ser seu hóspede queira ou não queira você.

— Hospedagem e proteção... porém, que quer dizer com isto?

— Dó, você sabe quanto sou franco; entremos que precisamos conversar muito. Sou hoje um infeliz, um desonra-

do... um ceviciado cruelmente das malditas prisões de São Francisco!

Mas você, Andalécio?... que está dizendo? ... Pequena interrupção!

— Herculano? chamou Dó.

Apareceu Herculano.

— Tome conta deste animal e mande preparar alguma coisa. Temos hóspede.

Dó apressou-se sentando-se ao lado de Andalécio.

— Ansioso por ouví-lo.

— Não há dúvida. Antes de tudo exijo reconciliação e amparo. Nunca duvidei de você e conheço quanto és generoso.

Preciso do esquecimento de passadas inimizades, oriundas de intriguinhas miseráveis de um partidarismo bruto, de falsos e baixos ideais — piranhas comendo umas as outras.

— É assim mesmo. Política naquela terra é intriga e perversidade.

— Diz bem. Os tais partidos se embrulham com o mesmo cobertor sujo do interesse individual. Em vez de adversários, inimigos figadais, do ódio à calúnia, da perseguição à clamorosa injustiça, da tesoura cortante da difamação à injúria, da opressão ao fuzilamento, da fumaça do poderio ao desgoverno, dos litígios de toda a sorte à delapidação e ruina das economias alheias, da falta de carater à degradação dos costumes, dos crimes abafados à justiça subornada, burlando a vigilância do Estado. Toda uma calamidade subversiva a tal política das pequenas e da alta sociedades sertanejas: de furtos e roubos, de adulações e liquidações forçadas pela chicana e do monturo do anonimato onde se escondem feras humanas. Lembra-se do Américo, Dó?

— Por que não?

— Tudo mentira, falsidade, veneno, enfim. Se a morte não atalha o João Pinheiro, tudo se consertaria. E o Capitão Américo, encarregado diretamente disto, não chegaria ao ponto do fuzilamento incrível de inocentes. Façamos-lhe esta justiça.

Nos longes das abas da chapada, nitidamente uma poeira rala que o vento desfazia.

Dó empalideceu. Uma sombra de dúvida empanou-lhe o espírito.

— Que desilusão, Andalécio! Agora e tardiamente é que você vai conhecendo que não tem amigos. Lealdade? Tudo moeda falsa, como aquela poeira que alí vem.

Andalécio olhou, compreendendo talvez a alusão.

— Não se incomode. São os meus serranos! (Nota do Autor).

— Os teus serranos?

— Sim, os meus serranos! O ceviciado da cadeia de São Francisco tem vergonha e não teme a morte nem adversidades.

— Que pretendes?

— O cerco de São Francisco e um ajuste de contas. Afronta por afronta.

— Bravo! Muito bem, moço! muito bem! Estenda-me sua mão.

E os dois se abraçaram. Tudo explicado e nada mais entre nós. Tranquilise-se.

— Quero ouvir os seus conselhos e necessito do seu auxílio. Irá comigo e sua gente.

— Sim, minha gente irá, mas eu não sairei daqui.

— Ora Dó! Sem você é impossível. A experiência e a tática, tendo quem os dirija, ninguém os resistirá.

— Quantos homens válidos o acompanham?

— Uns cento e vinte.

Dó calou-se por instantes e depois de refletir:

— É pouco, porém com a minha gente, serve. Qual o seu plano de ataque?

— Atravesso o rio e sem demora ataco a cidade, imediatamente cercando-a.

— Está errado.

— Como? Não poderia ataca-la de dia?

— Daria somente tempo para a defesa. O oficial não é um herói, é certo; mais malandro do que bravo, cometeria desatinos piores, fuzilando mais gente. Há um outro mais terrível.

— Qual?

— O telégrafo, único inimigo sério no caso de um insucesso.

— Compreendo agora, pensa bem.

— O ataque à noite depois de conseguir isolar a cidade, cortando com antecedência os fios que partem para Brasília, uma légua pelo menos. Dado este primeiro passo, o ataque far-se-á pela meia noite, pouco mais ou menos, apoderando-se do quartel e da cadeia, dando-se cabo do Tenente, desbaratando-se a força. Cessado o fogo, o resto está feito, porque tudo correrá.

— Magnífico, meu Dó!

— Nesse interim o pátio da choupana encheu-se de serranos armados de carabinas, dando vivas de entusiasmo a Dó e Andalécio.

Andalécio, abrindo uma costura, idagou de seu amigo;

— De quantos contos precisa para sua gente?

— Os de sua generosidade.

E Andalécio fora além da espectativa.

Satisfeitas de modo cabal todas as necessidades relativas aquele projeto, Dó sentiu-se arrebatado e comovido por aquele desventurado rapaz.

— Andalécio, irei também ajudá-lo no desempenho do ataque. Está senhor do plano; agora é po-lo na prática.

Distribua bem a nossa gente. Tome as estradas ao fundo. Eu varrerei à bala qualquer tentativa da margem esquerda que porventura venha a aparecer.

Tudo assentado! Podemos desde este momento preparar-nos.

Perder tempo é derrota certa.

E a noite entrara num reboliço de falas selvagens.

16

Por mais longe que sopre o vento da surpresa, sempre uma rajada antecipa-se; pois "nada está no oculto que não se venha a saber", inda mesmo num caso deturpado.

Com efeito, não se adivinhava quem ao certo; nada se afiançava tão pouco; mas o boato surdamente de vez em quando espantava, causando apreensões sérias.

O brusco desaparecimento de Andalécio dava que pensar.

Ele não era comensal da carneirada gemebunda sob afrontas.

Destemido e envergonhado sentir-se-ia mal sem a reabilitação de seu nome de homem de honra muito acima das fumaças de um efêmero monturo de absurdos.

Por isso, agourava-se e com razão, que de um instante para outro surgiria alguma fase negativa, além das que a desditosa cidade consternadamente presenciava.

Apreensões tais, assinalam catástrofes não mui distantes.

Comentava o povo: — que aquele rapaz andava a cata de jagunços — bundões do Xique Xique na Bahia; opinavam uns pelo patrocinato mais fácil de Antonio Dó, outros dos serranos, inimigos de outrora e a cidade seria atacada quando menos se esperasse.

Receios tais, alguns desprovidos de senso, mas tidos como verdadeiros, cada qual a seu modo, mistificando os mais desencontrados absurdos, plantando o desassossego geral.

Muitos criam, muitos não criam.

Estribados quase todos nessa confiança cega que a força armada imprime com as costas quentes do governo, mastigavam um certo otimismo sempre prejudicial, resumido nesta indefectível expressão: — quá!...

E no quá deixavam-se ficar conformados.

Sentenciavam: Só se ele fô um doido em se medi cum quem?

Ele que caia nessas pitalança! (26)

Apanham? Stá panhado e muito bem panhado!

Arrematada loucura se meterem em boca de onça acuada.

O oficial que temos é destabocado: não enjeita pato pru sê remoso nem pirú pru sê carçado.

Nessa atmosfera pesada os dias e noites sucediam-se sem que coisa alguma de anormal confirmasse tais espectativas.

Os sabujos da polícia continuavam do memo modo devorando os presos, recebendo manjares delicados e convites de nefastos aduladores do poder conquistando-lhes as graças.

Espetáculos dolorosos contínuos!

O Nero do sertão dormia tranquilo na sua onipotência de ditador: ele, ele só e acima dele uma "serena" madrugada rompendo ao som de descargas cerradas para os lados do quartel acordando a cidade num alarido infernal, sem defesa e em sobressaltos.

A população espavorida não atinava ao certo com o rumo das coisas. Debandou por todos os meios abrigando-se nos matos.

Fuzilaria a frente, fuzilaria ao fundo.

Estradas intransitáveis!

Resto de noite agustiante!

Amanhece.

E só então as cenas patenteiam-se.

Espalha-se o terror:

— Os Serranos! —

Troços de jagunços selvagens de pés alpercatados e cobertas vermelhas a tiracolo, esvasiam suas cartucheiras atirando.

Sendo o seu número um pouco reduzido, espalhados aqui e acolá por dezenas, nas entradas e saidas, espiavam entrincheirados qualquer contrataque.

À essa hora de suprema aflição, acordava o déspota.

Sabendo do que acontecia, tarde, muito tarde pensara em meios de defesa. Procurara no quartel, mas este fora tomado de assalto. Armas e munições em poder do inimigo.

Circulavam boatos: o tenente era procurado como agu-

lha e não demoraria muito caisse a delegacia em poder dos serranos.

E com uma porção de jagunços Andalécio procurou-o diligentemente.

O Alcides, tomado de pavor, safou-se da delegacia, procurando uma porta amiga, sem que tivesse a felicidade de a encontrar.

No seu encalço corria o Andalécio, defrontando-o em estreita viela. O oficial conheceu o perigo, e completamente desvalido escalara alto muro, contando com o dono da casa, indo esconder-se debaixo de uma cama.

— Já tu corres, bandido! Chegou hoje o teu dia, miserável! E dois tiros soaram ao mesmo tempo.

As balas passaram sibilando uma ferindo o braço do tenente.

Ouviu-se um grito esfarrapado e acanalhado ao longo da viela que era tortuosa.

— Ah! cá cá! Tomou disgraçado! O disgraçado levou!

Era um desses populares metidiços em barulhos, atirando a torto e a direito, escondendo-se em um cotovelo.

Andalécio cerca de imediato o prédio e imperiosamente intima o dono a entregar-lhe o tenente, sob pena de varejá-lo custasse o que custasse.

Mas o dono do prédio, pessoa de destaque, era também um dos amigos íntimos de Andalécio e resiste intercedendo:

— Andalécio, meu amigo, não faças isto. Estás coberto de razão, bem sei. Não te exponhas a te perderes por causa de um déspota tão ruim que todos nos reconhecemos. Entrou pelos fundos e já em um estado lastimável, apadrinha-se com a minha família, para que não o deixe cair em teu poder, pois sabe que estará morto. Este é um pedaço de homem muito podre.

É por isso mesmo que precisa morrer, para que a sociedade e o mundo se livrem desse traste ruim. Quero mostrar a esse canalha como se fuzilam inocentes, como se desfeita homem, como se dá a carne de presos a cão da polícia para comer. Bota-me esta peste para fora.

— Apelo para a nossa velha amizade. Deixa semelhante verme que só tem em cima de si uma farda e desonrada. Se eu t'o entrego, dirão os maldizentes que eu o traí.

Além disso não contamos com o governo. Toda essa trapalhada já depende da morte de um oficial e como sabes morte imprudente e estamos aguentando com a tempestade cujos resultados chegam a este ponto. Dó está do outro lado e tú sozinho te expuseste. Nem ele sabe que tú estás ferido e ensanguentado, necessitando quem sabe de uma cura rápida.

E era verdade. Andalécio no ardor da luta de nada percebera, nada sentira.

Estava porém com uma perna rasgada por tiro de F.M. e escorrendo muito sangue.

Realmente ferido e só então sentira uma espécie de de tontura e teria caido alí mesmo se a conselho de seu amigo, não o tivessem amparado, retirando-o, dois dos seus jagunços.

Soldados, uns fugitivos e outros retardatários do quartel, impedido, arranjaram umas espingardas e atiravam também contra os sitiantes. Dentro de um quintal, protegidos pór uma touceira de bananeiras, abriam fogo contra a cidade os nossos Couro Velho e Felipe Onça.

Repentino o fogo cessa.

— Seu Felipe, o negoço vai!

— Eh! Stou veno que vai memo!

— Oxe! Est'é qu'é trem que nois é de levá, seu Felipe! Cê não acha qu'e não? Cê stá com premessa de Santa Cruis segura. Eim?

Onça não tendo resposta de seu companheiro, olhou: Couro Velho estava bem espichado por uma bala varado.

Onça não contou fiado. Deu nas pernas.

Circulava o boato de que Andalécio morrera; logo mais que tombara ferido e se retirara.

17

Hora do peixe em Januária!

Desde cinco horas da manhã que um rouco som de búzio de folha de flandres avisava a farta colheita de peixe a toda a cidade. Lá ao longe na extremidade fronteira ao porto dos peixeiros, afluia o povo às seis horas, atravessando o areial branco da corôa unida à terra em tempo de estiagem num borborinho aflitivo de especulação e açambarcamento, não só de peixes como também de cereais e frutas aos montões na praia.

Naquela lufa-lufa, entravam e saiam canôas ou montarias, carregadas e vazias procedentes de vários pontos das margens. Um baralhamento de interesses em compras diversas e a flexibilidade dos preços segundo o avanço geral.

Ninguém se entendia, empurrando-se uns aos outros, acotovelando-se: quero isto, quero aquilo.

— Quanto custa todo esse monte de peixe?

— Quarenta mil reis.

— Dou-lhe quinze.

— Não aceito.

— Faço muito.

— Vá pescar se quizer.

— Diga o seu.

— Já lhe disse.

— Não! Quarenta é muito; dou-lhe vinte e cinco.

— É pouco.

— Você não quer; pois, lá vem chegando outros que aceitarão.

O pescador olhou além.

Dois canoeiros apressados não tardariam.

— Mas espere; quanto dá mesmo?

— Homem, nem o que você quer nem o que eu quero. Trinta!

E gritou para os que vinham chegando:

— Ó meninos! É meu todo o peixe que vocês trazem.

E o pescador atônito, sem reparar no jogo:

— Stá bem; porque você é um freguês certo pode ficar pelòs trinta.

— Não! Agora não dou mais que vinte e cinco. Quer? ou...

— Mas isto não é negócio!

— Ora se é! Meninos, gritou ainda. Todo o peixe, meu!

E virando-se para o pescador!

— Desembucha! Quer ou não quer?

E o pescador respondeu com ódio, pensando em perder todo o negócio:

— Ladrão! Pode ficar.

— Então pode despejar toda a canôa, reparando o conteúdo daquele montão que stá alí na praia.

Naquele instante abicava a montaria última, que nada traz senão uma pequena tralha, coberta com uma esteira de palha de carnauba muito nova.

— Que peixe trazem vocês? indagou o açambarcador.

E os dois responderam:

— Não trazemos peixe. Queremos é comprar!

— E de onde vêm vocês?

— Daqui de baixo, do Morro do Angú.

— E para onde vão?

— Samo viajante e bamos prá diante.

Pelos modos vocês foram levar alguém, porquanto, a canôa traz sinal de que foi forrada de esteira e esteira que está

toda suja de sangue. Que foi isto? Briga, barulho, algum ferido?

— Nada disto, senhor!

— Nada disto, não! E olhem que vocês estão correndo um grande risco.

— Que risco?

— Que risco? E perguntam que risco? Querem negar? Quem sabe não serão vocês do barulho de São Francisco que aqui já se sabe? A polícia anda ativa e se souber serão presos imediatamente.

E o açambarcador, um desses tipos miseráveis, buscadores de importância, disfarçadamente recomendou a alguém tomasse conta do peixe comprado e saiu apressado, rumo a cidade.

Os dois canoeiros que o não perdiam de vista e arrependidos de darem à lingua naquele infeliz encontro, rasparam-se a todo o pano para o sul.

Efetivamente, o açambarcador, deixando todo o seu negócio e levado pela tentação de arengar, correra à delegacia; mas o delegado era um desses figurões que acordavam com a estrela de secar carne.(27)

Teve por isso que esperar cerca de tres horas para dar o seu recado, alto, muito convencido de si mesmo.

— E esses canoeiros? indagou a autoridade.

— Deixei-os inda pouco na praia.

— E estarão lá ainda?

— Sei não senhor! Acho que se retiraram.

— Ora, caçada perdida. A uma hora destas vão longe e não há meios de alcançá-los mais. Porém, espere um pouco um telegrama de sobreaviso, porque a cidade de São Francisco foi atacada por Andalécio e Antonio Dó. Andalécio fugiu ferido e ninguém sabe que rumo tomou.

Quem sabe não estará por perto?

E a autoridade, depois de alguns instantes, entregara ao denunciador um recado ao seu colega de São Francisco sobre o fato.

O enredador, recebida a incumbência, correu à estação respectiva, depois de haver dado à lingua no caminho, com cinco ou seis conhecidos.

Por desencargo de ofício praças seguiram para sondar as praias.

Tarde porém chegaram, que nem sinal algum no luminoso horizonte, onde, no pontal, os canoeiros haviam desaparecido.

Estava mais ou menos indicado o roteiro.

Com efeito, Andalécio ferido gravemente retirara-se da

luta interrompida contra sua vontade e amparado por alguns camaradas seus e sem quase poder mais dar um passo.

Procurando um posto mais deserto, rio abaixo, embarcara em uma canoa, mandando atravessar o rio.

Em lá chegando soubera da deserção do seu amigo Dó com todos os seus.

Desamparado, então, e sentindo-se mal, mudou de rumo, porque viu que de todo não poderia permanecer por muito tempo naquela zona perigosa.

— Desçamos o rio. Rumo — Januária. Preciso tratar-me incontinenti, senão morrerei à mingua. Aqui nem mais um instante. Dois remadores bons!

— Então o patrão quer ir para Januária? indagou um dos remadores.

— E sem demora. Quero chegar entre os meus.

Por um recado mandou despachar os seus serranos, deles despedindo-se agradecido. E partiu. Todo o resto do dia, toda a noite. Amanhece; mas Andalécio receioso de alguma cilada, muda de pensar.

— Nada de desembarcar em Januária. Desçamos mais. Iremos a Morro do Angú, povoação Belmonte, lá eu ficarei. Dalí a umas seis léguas para o interior mora minha família. Deixando-me vocês alí, ficarei satisfeito e poderão voltar.

E deslisando, a canoa passou à frente de Januária pelo meio do rio e algumas horas depois, sete léguas abaixo abicava no porto de Belo Monte.

Andalécio muito benquisto. A pequena e nascente povoação desprovida de tudo. Casas escassas. Comércio inexistente. Inda assim, receberam-no com carinho os moradores, pois piorava a cada instante a perna infeccionada.

Ofereceram-lhe uma casa, porém ele, ainda receioso recusara.

Em seu estado poderia complicar quem o recolhesse.

Deram-lhe todavia, um pequeno rancho, um quilômetro distante — um pardieiro esburacado.

Pagando os canoeiros, deles se despedira chorando comovido:

— Adeus! Muito agradecido. Vocês não me verão mais. Aceitem meu conselho. Na volta acho bom que se afastem de Januária o que puderem.

Instalado no rancho, passando mal, com muita febre e com a perna excessivamente inchada, piorava a cada instante.

Arranjaram-lhe um cozinheiro e um rapaz para companhia, indo todos os dias uma pessoa caridosa pensar-lhe a ferida, enquanto chegasse sua família.

18

Urrava valentemente o Alcides em planos de perseguição e vingança, quando aportara, quatro dias depois da barulheira do São Francisco, um dos vapores da Navegação.

A esse tempo, restabelecido o serviço telegráfico das linhas cortadas pelos serranos, já o delegado com os avisos do seu colega havia providenciado meios para a captura de Andalécio, requisitando o vapor assim fundeara.

Embarcara a força com todo o aparato bélico, chegando à Januária após cinco horas de viagem, sob o comando de um sargento.

Na cidade alarmada com as novidades, sabia-se já do paradeiro do fugitivo e assim viu-se o vapor cheio de soldados, cada qual profetisava:

— Finado Andalécio! Antes tivesse morrido no fogo do São Francisco, do que meter-se agora nas garras do Tte. Alcides !Coitado ! Com uma perna de menos onde esconder-se ? Esse não voltará mais aqui.

Confabuladas as arengas secretas da polícia, desgarra-se novamente o vapor na manhã seguinte, chegando a Belmonte duas horas depois de acelerada viagem.

O povinho do lugar muito remoto e sem garantias, vendo soldados e ciente também do ocorrido, de nada mais duvidara.

— É soldado? Temos lambanças! foi a voz geral e os mais prudentes tomaram o caminho da caatinga.

Razões de sobra! O primeiro ato da força foi prender o primeiro indivíduo que apareceu e a troco de ameaças e espancamento brutal obrigá-lo a servir de guia até onde se achava enfermo o foragido. De antemão sabiam-no achar-se só, muito mal e sem meios de qualquer defesa.

Lá estava um ranchinho de um oitão aberto dentro do mato com uma rede armada na varanda estreitíssima e dentro dela um homem semi-nú, com uma coberta atirada aos pés.

A seu lado, encostada a um tamborete uma winchester e em cima uma cartucheira, um copo dágua e um punhal.

Momentos antes, tinha sido avisado da força que chegara procurando-o.

Impossibilitado de qualquer movimento, afundara-se no dilema: preso ou morto.

Não sendo muito distante, tinha ouvido todo o ruido do vapor nas águas e sua descarga no porto. Avisado, esperava. A casinha não tardaria muito estar sob cerco. Andalécio febrici-

tante quasi não podia abrir os olhos. De vez por quando abria-os a qualquer rumor do vento nas folhagens ou estalo de uma fruta silvestre na caatinga. Fechava-os depois, atormentado pelas dores da grangrena. Perna putrefata. Torturava-o uma agonia lenta, e ele ardentemente desejava terminar aquele martírio que tardava.

Mas não tardaria tal. É que apesar do aparato e da estrategia o medo barateava os valentes soldados que podendo apanhar um vivo quasi morto, preferiram assassiná-lo com uma formidável descarga alí na rede, tomando chegada por detrás dos paus e à traição, à distância, para depois assaltarem aquela "fortaleza", roubando o que porventura existisse.

Repetidas por várias vezes as descargas, os covardes aproximaram-se.

Escorria sangue a rede de pano.

Morto Andalécio! Isto em 1920.

Em um relance tudo dele devorado, exceto o corpo.

Escarafunchada e limpa a "fortaleza", nada mais havendo que abiscoitar, tomam o cadáver, amarram-no de pés e mãos e enfiado em um caibro e ao ombro de dois soldados, atirando e cantando chulas, vomitando insultos, assim entra no povoado a famosa diligência, embarcando a fúnebre carga e de novo rumando para a Januária.

Desta cidade o povo em massa, não tendo comunicação dos sucessos esperados de Belo Monte, ansioso corria aos barrancos, assim avistara no pontal o vapor que aparecia.

Seis da tarde! Entrara a noite. Resfolegando o gigante de ferro em luta com o gigante de água até o ponto terminal pelas sete horas; mas, o vapor ancorara ao largo.

Ordem expressa da autoridade local:

— Pessoa alguma até lá chegar senão depois, ou mais tarde quando o vapor atracasse à praia.

Desencontradas e clamorosas as opiniões por isto.

Por que?

Andalécio morto e naquele momento "lavrava-se a bordo o termo de resistência"!

E o povo não se retirara esperando até o fim.

Duas longas horas!

Haviam pedido o caixão dos pobres, depositado no cemitério, dois quilômetros distante.

Colocado o cadáver naquele imundo e desprezível caixão, a soldadesca em forma com uma corneta a soar sacrilegamente, largou-se do cais, passando por uma das ruas principais rumo ao cemitério, quando um imenso grupo de rapazes, en-

frentando a força, intima-a a deixar alí o caixão:

— Este rapaz é um januarense. É da nossa sociedade e não poderá assim ser sepultado como um cachorro. É nosso patrício. Há de ser sepultado com as honras de um homem honesto e de bem.

Deante de tamanha resolução, emudeceu-se a corneta e o cadáver foi arrebatado para uma casa amiga, onde fora carinhosamente cuidado e vestido.

Um soldado pernóstico com pretensões ao oficialato, gabava-se de ter sido o assassino dos cobres de Andalécio, defrontando-o.

Os colegas olhavam-no com despreso e certo ar de mofa; mas... era o comandante... e nada mais respirou.

Por adiantada a decomposição do cadáver, realizaram-se os funerais às oito horas da manhã do dia seguinte, sendo grandemente concorridos.

— Muito feliz ! dizia o povo. Antes isto, do que cair vivo nas mãos de um Alcides.

Descansava já em sua pátria o martir, quando os jornais do Estado e da Capital, estes em letras garrafais, dando conta do cerco do São Francisco finalisavam os seus topetudos e alarmantes telegramas oriundos daquela cidade mineira:

— O CABECILHA ANDALÉCIO, AFRONTANDO A POLICIA, DANDO FOGO POR MAIS DE DEZOITO LÉGUAS, CONSEGUIU ESCAPOLIR, SENDO AFINAL PRESO.

19

Quem visita o planalto interior tem uma nítida visão do deserto quanto ao resto do país.

A faixa civilizada vasta e comprida dessa maravilhosa roupagem de quase nove milhões de quilômetros, mal dá para suprir a costa litorânea.

As terras centrais sob o controle dos Estados, não obstante a capacidade geradora estão vazias.

Seu povoamento nada representa, tão esparso, na infinita expansão ainda ignorada de fertilíssimos vales, capazes de abrigar culturas várias, de real valor econômico.

E é justamente nesse paraiso de puro sonho que todos querem e não procuram, que todos vêm e ninguém vê, nesse paraíso de amplos recursos naturais, de riquíssimas e desamparadas regiões, que ridículas questiúnculas sobrevivem, perturbando-

lhe a paz natural sem todavia abafar-lhe a fecundidade esmagadora.

É de notar-se que toda essa barulheira, começa por um cisco, um palmo de terra inculta, um pedaço de velha e imprestável roça ou garrancho, um trecho de trilho ou carreiro carcomido, uma estrada velha de abismadas ravinas, um interesse agressivo e dramatisado, uma vida que se desprende por um capricho que nada vale.

É assim que no tempo de nossa novela, além por essas portas do sertão deserto, dois fatos causaram profunda consternação.

Um vaqueiro de confiança de nome José, ou por alcunha Zé Vaqueiro, vendia escandalosamente os gados de seu patrão o Dr. Nestor Palma.

Este denunciara-o à polícia.

Prende a polícia o ladrão no lugar onde se dera o crime, longe da sede, e o submete a torturas indizíveis.

O doutor se compadece e intercede pelo culpado perante o delegado que pessoalmente dirigia a força.

Dá-lhe dinheiro e presentes.

Esse acede; mas, gaba-se para o ladrão.

Ladrão impedernido e ingrato insurge-se contra o patrão.

Vai distante e com lamúrias e promessas de roubos, reune-se a outros do mesmo quilate e um dia, quando menos se esperava, cerca a residência do patrão e miseravelmente o assassina.

De novo intervem a polícia e arranca orelhas também aos criminosos carregados de despojos.

E digamos logo de passagem: estava neste meio o Alcides.

Por outro lado brigam por motivo de "terrinhas" dois fazendeiros — João Antonio e Leo. (28)

Na contenda morreu Leo e um filho.

Bráulio, (29) irmão de Leo, ataca e mata João Antonio.

Um irmão deste persegue-o.

Tanto no primeiro como no segundo caso andou a interferência de Antonio Dó, dirimente ou árbitro das questões com as quais nada tinha que ver, embora em nenhuma delas diretamente tivesse tomado parte.

Escudado na fama que o seu nome inspirava, mandava, auxiliava, aconselhava e de longe bem de longe aguardava o desenrolar dos fatos.

Daí a reviravolta da opinião geral, convertendo-o de um homem justo e sofredor ao epíteto revoltante de bandido.

Sua última ou recente incursão ao São Francisco mal-

sinara-o de covarde e traidor de Andalécio, desamparando-o na ocasião da luta.

Tais os dizeres do povo, que motivado por súbita antipatia lhe movera campanha terrível.

Ele um pouco decaido defendia-se dizendo que não traíra. Que seu amigo jogara a caçada fora: não sabia brigar.

Desprezando a tática e seus conselhos, fora infeliz, obrigando-o a retroceder no momento em que era certa a vitória.

Que desse juizo inteiramente falso, em breve provaria o contrário.

Estala inopinadamente a revolta de Carlos Prestes (30), prendendo a atenção geral dos Estados, do Brasil enfim.

Movem-se as forças do país para abafar a revolução.

Prestes batido pelo sul dirige-se para o norte e vara o sertão imenso e agreste povoado de invisíveis e legendários coronéis e capitães de pé de serra.

Palmilha a vontade todo o interior sem encontrar resistência sabendo de cor e salteado toda a geografia, a topografia das múltiplas regiões percorridas. Encontra a estrada aberta para uma revolução, como se diz atualmente, num relâmpago.

Em poucos dias, como um vendaval, atravessa toda a linha do centro com um punhado de revoltosos e afrontando forças estaduais e num abrir e fechar de olhos provou que o Brasil estava simplesmente na costa atlântica e que o trovão da tormenta estourava nas lindes da Bahia.

Prestes deixava no magnífico exemplo um roteiro mau.

Antonio Dó, inconformado com a pecha de bandido, sentindo-se envergonhado e ferido no orgulho, exultou ante as façanhas de Prestes e jurara atacar novamente São Francisco, para por fim às conversinhas de mau gosto que lhe afivelavam o espírito, ora imponderado.

— Sou covarde, sou traidor! dizia apaixonadamente; pois bem; irei provar sozinho o contrário e não correrei.

20

A beira de uma dessas estradas de rodagem que se estendem como um entroncamento para localidades diversas, estava a vivenda do Joaquim Leão que alí se estabelecera com o seu botequim muito frequentado aos domingos por contuma-

zes porreteiros e transeuntes diversos, indo e vindo para a beira do rio.

Cuidando também de uma pequena lavoura, tempo havia que se estabelecera nessas paragens, encaminhando seus produtos de exportação ao movimento compensador, quase diário, da grande navegação fluvial.

Seis para sete horas da tarde.

No botequim bebia uma cachacinha o último tropeiro, vindo da beira do rio em demanda de Monte Claros, contando ao botequineiro espantosas coisas do arco da velha que presenciara; mas, não sabia explicar bem, para as bandas da cidade.

Leão, conhecedor das manhas do lugar, ouviu aquilo, sem contudo prestar a maior ou menor atenção à conversa do meio do caminho.

Esperava e não tardaria muito a chegar de lá o seu encarregado e sócio Antonio Pequeno.

Esse sim. O que dissesse poder-se-ia escrever.

Tendenciosos os boatos que daquela hora circulavam apressadamente naqueles arredores até o entrar do sol.

Ao escurecer chegara o Antonio Pequeno com o seu carregamento do costume despachado, trazendo caixotes de miudezas, sal, fumo, vinho, cerveja e outras bebidas.

Saiu-lhe ao encontro seu patrão e sócio:

— Oh! lá! seu Pequeno! Chegou a tempo. A demora hoje foi longa, e eu já estava aflito e muito por você:

— Adivinho isto; mas nada vem a ser.

— Deus o permita. Como vão as coisas e o que há de novo?

— O senhor não sabe como é que é? Sempre em polvorosa. Aquilo não tem mais conserto, nem pode. É a cidade da falação, dos arengueiros, dos intrigantes, dos assanhados, das conveniências e das inconveniências também.

— Então é certo o que por aqui se diz.

— Mais que certo.

E Pequeno, derribando as cargas, amilhava a tropa, despachando-a para o pasto.

Veio o jantar. Durante e após a conversação girou em torno dos acontecimentos:

— A cidade, confirmou Antonio, bastante alarmada com a notícia telegráfica do extremo arraial de São João da Ponte de que se precavenha a toda a pressa contra a nova incursão de Dó já em caminho.

— Ora é isso só? Pensei... isto é velho. E você que acha?

— Homem, pode ser, mas pode não ser verdade. Certo é que deixei um aparelhamento de forças e providências tais, que se for de vera bem difícil para o Dó entrar lá.

Desta vez o caso está sério e ruim.

Neste ponto foi a conversa cortada por dois indivíduos que armados batiam palmas à porta.

Vieram recebe-los. Estavam bem armados.

Um deles trazia uma carta.

— Qual dos senhores é o senhor Joaquim Leão?

— Eu! Adeantou o Leão. Que ordenas?

— Uma carta que lhe manda o meu patrão, o senhor Antonio Dó.

Precisamos da resposta com urgência e esperamos até que o senhor nos despache.

— Bem. Entrem e queiram sentar-se.

E os dois indivíduos entrando, sentaram-se em um banco da sala.

— Com licença! falou o Leão, rasgando o envelope.

Lida a carta, Leão passou-a imediatamente a Pequeno.

Realmente era de Antonio Dó, instando-o para uma conferência, não muito longe, a meia légua dalí e um pouco retirado da estrada, mandando para esse fim dois camaradas de sua íntima confiança; e que por uma conveniência toda especial deixara de tomar sua casa e que o esperava como sem falta.

Nessa emergência os dois se consultam, resolvem e partem.

Vencida a meia légua os guias deixam a estrada e se entranham numa catanduba enluarada até uma clareira, onde se achava o Dó cercado de uma imensa cabroeira, reinando o maior silêncio no meio da selva.

Saudaram-se os amigos e conhecidos de outos tempos.

Imediatamente entraram em conversação que foi um pouco demorada.

Desenvolvendo Dó toda a sua posição, expôs o projeto que trazia de definitivamente acabar com as questões daquela terra de tantas recordações dolorosas; mas, não obstante estando a desfechar o golpe, desejava uma opinião sincera, razão porque confiadamente pediu aquela conferência a seu amigo.

Joaquim Leão, homem de bem e leal a toda prova, usou de franqueza sobre o que pensava, concluindo pelo fracasso daquela tentativa.

— Amigo Dó, eu te agradeço esta prova de muita estima.

— Comigo trouxe este rapaz que você conhece e que é incapaz de uma falsidade qualquer.

Ele mesmo acabou de chegar da cidade e melhor do que ninguém para contar-lhe o que viu e ouviu.

— Com muito gosto, caro Leão, desejo e respeitosamente tudo preciso ouvir dele. Pequeno, pode falar a vontade.

— Eu, senhor Dó, sou da mesma opinião. Não deve entrar na cidade onde já o esperam. Se tentar penso que sairá sacrificado. Trincheiras por toda a parte e espionagem também. Vai expor-se e não caia nesta. Partiram já de Belo Horizonte, de Montes Claros e Brasília ordens expressas para ataca-lo e a força policial é bastante numerosa. Não sei de sua gente; mas seja qual o número; porém, pénso que atualmente não será capaz de uma resistência séria. Estão pois mais do que prevenidos. Só há uma coisa: já não está mais alí o célebre Alcides que foi chamado.

— Acredito piamente no que me diz; mas uma coisa, Pequeno:

Saberá adeantar-me quem deu aviso tão depressa de minha vinda?

— Quem deu? E o senhor tão inteligente, pergunta-me ainda quem deu? — o telegrafo.

Dó estremeceu.

— Eh! Pequeno! Tem toda a razão e estou convencido.

Faltou-me desta vez toda a minha perspicácia. O diabo do maldito fio está estendido nesta floresta até Brasília... até Brasilia... até Brasília. Não me lembrei disto senão te-lo-ia inutilizado.

— Eh! Assim é. Quanta coisa contra o senhor! Sabe-se já do ataque ao arraial de São João da Ponte, do dinheiro tomado ao negociante de nome João, irmão de um fazendeiro cujo nome esqueci, de uma ordem passada a força de João para a viuva do fazendeiro entregar-lhe uma soma de doze contos de reis, do aperto que o senhor deu à viuva para entrar por bem ou por mal com esse dinheiro, das dificuldades e vexames por que passou, da abertura de seu cofre contendo mais de doze contos e que tudo lhe foi entregue. Que o senhor se dirigia a São João da Ponte para cessar uma questão bem diferente; que, recebido esse dinheiro só depois resolveu ajuntar gente para atacar São Francisco e finalmente ao amanhecer de sua partida aparecera morto na rua o negociante João, ignorando-se se um suicídio ou um assassinato.

Foi isto o que eu ouvi contando-se na cidade.

— Mas, o João morto ?

— Sim senhor. É certo.

— Eu ignorava semelhante fato.

— Pois tudo o que eu estou relatando veio de um longo telegrama, passado de Brasília e que lá deixei de mão em mão; portanto, resolva o que lhe parecer melhor. Penso que o senhor não deve ir. É o que eu tenho a dizer-lhe de verdade. Ponderado como é saberá resolver melhor do que eu.

— E você Leão que diz ?

— Homem é uma temeridade. Situação muito apertada ! Com coisa séria não se brinca. Em todo o caso o amigo dispõe de algumas horas para pensar e resolver a questão.

— Pois bem, eu lhe agradeço muito. Há muita coisa que eu ignorava; comunicar-lhe-ei o que houver decidido.

E os dois voltaram terminada a conferência.

A noite correra silenciosa.

Ao amanhecer, um trabalhador que vinha matar o bicho logo cedo batia à porta do botequim que se abriu logo.

Não durou instantes que cerca de cinco capangas bem armados aparecessem alí para matar também o bicho e indagando pelo Dó.

Eram capangas retardatários que procuravam o grosso da tropa cujo acampamento ignoravam.

Como ninguém soubesse ensinar, retiraram-se.

O jornaleiro vendo isto e sabendo já das notícias que corriam, abalara-se para a cidade espalhando a notícia de que o Dó se aproximava e que ele estivera com os jagunços que somavam mais de cem.

Recebe Leão horas depois uma carta de Dó, agradecendo-lhe os conselho e os do Pequeno. Que convencido da impossibilidade do ataque, adiava-o retirando-se.

Leão com esta excelente nova depois de ir pessoalmente certificar-se da partida de Dó, achando o lugar vazio, resolve mandar Pequeno à cidade, avisando-a, levando a carta de Dó como prova documental.

O delegado de polícia um pouco mais alegre que de costume, suspeita de Pequeno e manda intima-lo a comparecer à delegacia.

Pequeno recusa-se ao comparecimento e com razão; porque na época os casos de chamadas tais eram funebres.

O Delegado irrita-se e pessoalmente vai efetuar a prisão de Pequeno.

Travam-se de razões os dois.

Trocam-se tiros.

Delegado ferido.

Acodem pessoas de parte a parte.

Pequeno para justificar-se, pede praças para ir até o lugar onde estivera o Dó.

A carta deste é comentada.

Desfaz-se o complicado de mentiras do jornaleiro amedrontado.

Cessa a ideia de ataque. Encoraja-se a cidade. Normaliza-se a vida.

Desce a zero o termômetro do pavor.

21

Poucos anos que a ciência anunciara a queda do mundo.

E caindo e rodando com ele, operando uma transformação plena de tudo o que nele se movia, todas as instituições, os pensamentos, as palavras, as obras dos povos de toda a humanidade enfim.

Insofismavel movimento !

Nem profecia, porque realidade.

Até o presente um certo mal estar de incertezas.

É bem verdade que o dia e a noite são os mesmos, mas, não traduzem por mais que se cogite a confiança segura e resignada de outros tempos.

Transição de épocas ! dizem.

Sim; mas ninguém sabe o que quer nem advinha o que há ou vai suceder.

De repente o ordenamento político e social do país parecia tomar novo rumo.

Houve uma temporada que foi um sonho.

Houve um sonho que foi uma temporada.

Ao sopro do advento de um dos mais longos cenários da pátria, viu o Estado Novo uma fria e profunda sangria no corpo do antigo Estado.

Horrorisado, não recuara, reagindo.

Cancelaram-se as ideologias, os coronéis, os capitães de pé de serra da grande cruzada brasileira. (31).

Pouco antes, quase ao final dessa tragédia, na constante preocupação e agonia de todos os instantes da mudança radical, cansado de marchas e contramarchas insidiosíssimas, havendo outros pensamentos em que se debatia o governo mineiro, esfriara pouco a pouco a chamada "questão do norte"

complicada questão que tanto deslustrara a administração pública depauperando-lhe os cofres com a remoção escandalosa e inutil de tropas todos os dias por efeito de telegramas alarmantes, para engorda de astutos figurões.

Descobertas as falcatruas e mentiras da gleba sanfranciscana, de Antonio Dó se esquecera.

Dó momentaneamente respirara mesmo depois do fracasso da última tentativa de atacar São Francisco, de que não mais cuidou.

Dava-lhe que pensar e isto envelhecia-o precocemente, ver-se forçado a ser chefe de capangas, recolhendo-se aos seus penates.

Não tardou muito que a ele se juntassem mais alguns facinorosos corridos dos tres Estados limítrofes ao fundo, até mesmo ladrões evadidos de prisões de outros Estados.

Elemento perigoso o bando se subdividira logo para o roubo operando por escalas em remotas fazendas do planalto interior, negociando por mercados longínquos do sul de Minas.

Com a intromissão de agentes estranhos organiza-se uma quadrilha que, segundo a situação do ermo, obedecia a regulamentos:

Já então entre eles respondiam um coronel, um tenente coronel, um capitão, um sargento, um cozinheiro, dentro de um quartel — pequeno rancho de palha de burití onde se reuniam.

Para alí convergiram e se misturaram um célebre Felix (32) do Gerais de São Felipe, um Chico Moreira de Lavras Diamantinas do Sincorá e outros tantos sequazes de precatórias ao pé.

O bando vivia sempre de brigas quase fedendo a defunto.

Quando sozinho o Dó, não obstante suas vicissitudes, desfrutara de paz relativa, mas agora já não tinha sossego.

Muitas vezes se dirigia à choupana de seu amigo Praxedes onde se demorava, abrindo-lhe confidencialmente o peito sobre sua angustiosa situação.

Jamais participava nem assistia à partilha dos lucros das rapinagens. Fingia apoiar essa caterva, dizia ele ao vizinho, até ver se o tempo melhorava sua posição.

Mas essa melhora nunca chegava, degenerando-se aos poucos para um iminente perigo que receioso não disfarçava.

Para os lados do quartel palhoça, um pouco distante da morada de Dó, fervia entre bandidos uma orgia infernal.

Já se sabia: era o preparo para uma das correrias longe ou perto.

As zonas de mais influência, isto é, mais ricas, eram da alçada dos mais graduados e, uma vez consignadas, ninguém mais poderia tocá-las. Mure, José Olímpio e outros tres somente.

As de menor importância ou mais pobres tocaram ao Felix, sargento de São Felipe e seus companheiros.

Para correrias longínquas há um mes tinha seguido a sinistra caravana.

Felix exultava; estava livremente agindo.

O bolo que arranjasse — todo seu.

Os companheiros contentar-se-iam com o que cada qual mais diligenciasse.

Para isto organizara secretamente um complô.

A orgia durara quase toda a noite numa cachaçada bruta, cessando de todo pela madrugada.

Ao amanhecer o quartel estava fechado, deserto e solitário.

Nas circunvizinhanças, morava Januário Caporra, abastado agricultor.

Começar-se-ia por ele.

Em tempo avisado, Januário astuto e vigilante, prevenira-se, ocultando tudo o que podia dar nas vistas: móveis, dinheiros e grande parte de seus gados e na hora do ataque franqueara toda a sua casa com as dependências, dando aos agressores um explêndido banquete, desnorteando-os com a generosidade de bom amigo.

Não obstante, fugindo às indagações, soubera haver-se de tal maneira que, iludindo a todos arranjara meios de escapolir, salvando o pelo.

A quadrilha lograda se enfurece.

Dá rigorosa busca mas nada encontra.

Corre célere a notícia de que a casa do Praxedes estava designada também.

Este, sem mais tempo para uma defesa, reage como pode auxiliado pela mulher num desesperado fogo de ponta a ponta; cedendo pelo número e escassez de munição, Praxedes é preso e alí mesmo amarrado.

Sua mulher, cruelmente espancada, mandaram-na para a casa do Dó, como sabemos pouco distante.

Surram o Praxedes para que dê conta do dinheiro, pois abertas suas malas, onde supunham encontrar ouro e prata, acham-nas vazias.

Pelo cérebro desesperado de Félix, então o chefe, passara uma idéia diabólica: atacar o Dó.

O momento era propício, porque de há muito o demônio de São Felipe desejava se apoderar da fortuna do Dó, sempre encontrando um motivo que o dissuadia.

Quando Dó em São João da Ponte obrigara e recebera o dinheiro da viuva, Felix se ofereceu para tomar por astúcia ou à viva força esse dinheiro; e, na ocasião em que fracassara o ataque a São Francisco e que Dó regressara, ele se apresentara como um dos jagunços contratados; e, como tal, seguira para o desterro com os outros cúmplices.

O dinheiro, tinha certeza, estava intacto.

Demais disto, deveria encontrar somas superiores, porquanto, Dó, comerciante naqueles cafundós, era tido como capitalista, possuindo uma garrafa cheia de diamantes de alto valor — um milionário.

Estava feito se executasse e fosse feliz no seu plano.

A ocasião a mais azada possível.

O ataque nas melhores condições.

Nem suspeitos!

Com facilidade tudo lhe seria entregue por bem ou por mal.

A empreitada contra dois fazendeiros nada rendera, e agora desmascarada uma vez a quadrilha, perigosa seria a sua permanência naquela região.

Portanto, mãos à obra.

Estavam de volta nesse interim, os que haviam levado a mulher do Praxedes à casa do Dó.

Souberam que este se achava sozinho.

Reunidos conferenciam.

Decidido o ataque com os respectivos contratos.

— Mas se ele resistir estaremos perdidos! disse um deles.

— Perdido como? exclamou Felix.

— Porque esse homem não morre assim. Bala é bobagem para ele.

— Ele atira muito bem e não perde pontaria! falou um outro.

— Nada, meninos! Eu também sei disto; mas, o que vocês ignoram é que é ela:

Para gente que bala respeita só mão de pilão na cabeça.

Voces tomem a frente e deixem por minha conta que eu farei o resto, no caso dele resistir. Coragem! O homem está só.

— Então vamos logo! decidiram outros.

— E o Praxedes?

— Fica ainda amarrado.

E o bando lá se foi.

23

Do interior da choupana ouviam-se os gemidos da esposa de Praxedes.

Sentado em uma cadeira, com os cotovelos fincados em cima de uma pequena mesa da sala de fora, rosto no fogo da meditação e contrariedades, murmurara Dó:

— Desgraça! desgraça! desgraça! Nunca pensei reduzir-me a tanto. Na extrema miséria!

E escondeu o rosto entre as mãos.

Nada via nem ouvia. Não estava alí o seu espírito.

Daquela sala, pouco antes, aflitíssimo presenciara o tiroteio à casa de seu amigo e não pudera acodir.

Armando-se de um revolver teria-o socorrido se não pensasse que seria vítima também da sanha dos facínoras.

Não havia dúvida, cairia morto no terreiro alheio.

Casa cercada. Inútil sua presença.

Quem sabe se sua existência estaria em jogo também?

Prudentemente esperava.

E esperava ainda quando entraram em sua casa o desrespeito, o crime a traição.

Indignado com aquela selvageria ralhou fortemente irado.

Rosnando como cães raivosos aqueles bárbaros largam a preza e se retiram.

Lastimavel o estado da senhora.

— Que é isto, minha amiga? Que aconteceu que a vejo neste miseravel estado?

— Não sei, meu senhor! É o que o senhor está vendo: toda espancada!...

— Que é do Praxedes?

— Praxedes? Finado Praxedes a uma hora destas! Sei lá?

Deixei-o amarrado prá dar conta do dinheiro, sem te-lo.

Demos fogo até acabar a munição que era pouca; senão esses miseráveis...

Francelina que acodira à sala, leva a paciente para o interior.

É de lá, como dissemos, que partiam os gemidos.

Com o rosto ainda em brasas e sentado, passou-lhe pela mente a lembrança do seu irmão, o Herculano, ausente, despachado muitas léguas dalí em compras de mercadorias.

Se tivesse de lutar, lutaria só.

Mas, fatalidade!

Casa cercada!

Cinco bandidos entram de roldão na sala e postados à frente de Dó escancaram as carabinas sobre seu peito.

— Patrão! bradou um deles.

Dó desperta deante do perigo.

— Que querem vocês mais? clamou enérgico.

— Ajustar nossas contas neste momento. Ou dás o que tens ou te liquidaremos. Vamos com isto! Depressa! Anda!

Dó arranca da cinta o revolver.

Tarde! Muito tarde!

Sem ser pressentido, nas pontas dos pés, dele se aproxima o Felix e, pelas costas vibra-lhe uma violenta pancada de mão de pilão, voando em pedaços o crâneo ensanguentado.

— Conheça homem perigoso de todos os diabos! bradava o infame.

Ao conflito acodem lastimosas as duas senhoras.

Felix ordena aos capangas:

— Agarrem e levem esta mulher do Praxedes imediatamente para a sua casa e voltem sem demora.

Ordem executada.

Sem testemunhas e senhor da situação o bandido brutalmente arranca pelos cabelos a Francelina, abraçada ao cadáver de Dó.

— Cala-te bruxa velha! Não quero choros. Ou me entregas o dinheiro que tú bem sabes onde está, ou eu te acabo neste momento.

E riscou-lhe o peito com a ponta aguçada de um punhal.

— Levanta-te! disse imperiosamente.

E deu-lhe com o pé.

A pobre Francelina, engolindo lágrimas, conduzira o assassino ao seu quarto, onde foi destrancada uma pequena mala de couro.

Dentro havia um cofre de madeira.

Aberto este, o miserável ladrão exultou.

Um embrulho, contendo cerca de doze contos.

Avidamente guardou-os depois de contar os maços de notas.

Alí também estava a célebre garrafa dos diamantes, que ele levou para a sala, colocando-a sobre a mesa.

— Agora estou como quero! disse, lançando seus olhos de fera ao cadaver de Dó.

O chão, alagado da sangueira, escorria numa poça enorme, onde se afundavam as reviradas alpercatas do assassino hediondo.

Sentindo a frieza daquela lama rubra, olhou para os pés:

— Molhados!

Salpicados e sujos todos os trapos que vestia.

Nódoas de sangue por toda a parte, derramando um certo ar de pavor.

Desejava recuar, mas, não pode.

Rumor à porta!

Xingatórios, desabafos malcriados!

Vinham chegando os encarregados da mulher do Praxedes.

Esses pé rapados com atrevidos insultos, cortando as cordas ao Romualdo, disseram-lhe duramente:

— Toma tua sirigaita e valentona cachorra, que o outro cão rabugento já lá está espichado.

— Então, vocês mataram o meu amigo! Antes matassem a mim primeiro, do que darem-me uma notícia desta tão triste.

— Mas nós não estamos aqui para escutar lamúria de ninguém.

E... psiu! Eim?

E voltaram quase a correr.

Esperava-os já o Felix, apontando para a mesa.

— Não perdemos a caçada, porque esta foi a melhor de todas.

Alí está a grande garrafa de diamantes.

Ela só já é bastante para a nossa felicidade.

— E o dinheiro? indagou um dos tais.

— Que dinheiro? Vocês não estão satisfeitos com uma

garrafa de diamantes cheia até à tampa... uma fortuna... um tesouro...

— Eh! mas, porém...

— Mas porém, o que? trovejou horrendamente o Felix, levando mãos à carabina; e o saque?

Desgostosos, os bandidos entreolharam-se e um outro resmungou:

— É que a gente desconfiava, nois tudo, que o home tinha mêmo...

— Tinha não! Tem e aí está toda a sua fortuna e vamos dividir logo no quente-quente com toda a lealdade.

Houve um bate boca, quase vias de fato, e um muito irado mastiga entre dentes:

— Ladrão! Dinheiro? Virgula! Pra outra vez! Só se fô!

Felix fez-se de surdo; e tomando nervosamente a garrafa, despejou toda aquela pedraria em cima da mesa.

Partilha amigavel! Ricos! Muitos ricos!

Cada qual, tomando sua parte, tratou de colocá-la em segurança.

Felix chamou Francelina:

— Destranque a porta deste quarto da sala.

Satisfeita a ordem, entraram.

Abriu-se uma janelinha.

A claridade da tarde por ela penetrou.

Levaram tudo o que continha o cômodo: restos de fazendas, calçados, ferragens, bebidas e gêneros de necessidade.

Abandonada a casa seguiram para o quartel ao entrar do sol desse dia funesto de outubro de 1929. (33)

Até muito tarde ouviu-se o sussurro das feras.

Depois o grande silêncio da floresta.

24

No outro dia, já pelas dez da manhã no cemitério do campo recolheram-se os restos mortais de Antonio Dó.

Em ondas longas e curtas a notícia do seu assassinato chegara a todos os recantos do sertão.

A consciência tangia e apartava das terras agrestes aquela escória de alpercatas, cavando agora o areal vermelho dos araxás em busca das margens do São Francisco, onde tencionavam novos saques de um lado e de outro, estando marcados para esse fim fazendas e fazendeiros que se encontrassem no caminho.

Dos mais apressados na viagem era o Felix, que, logrando os companheiros, desaparecera logo no segundo dia.

Azedou-se a desconfiança entre eles.

— Felix com certeza levou todo o dinheiro do Dó!

E correram dias e noites para tirarem o couro ao esperto larápio.

Este de há muito conseguira atravessar o São Francisco e correr para São João da Ponte, onde, como mandatário, entregava em casa de seus patrões os doze contos de reis intactos, recebendo a paga de sua formidável proeza... mas, não demorando também cair assassinado numa das cachaçadas de São Felipe.

Os itinerantes, carregados de despojos e obrigados a marchas demoradas, estropiados alcançaram o rio também num posto isolado da margem, servido por estreito carreiro posto de pescador à beira dágua e em cuja barraca bebia-se uma futriquinha.

Vinham todos sequiosos por uma pinga.

E beberam bastante da boa. Pelas tantas deram de mais com a lingua.

Diziam-se sampalistas com destino, já de volta, ao sul da Bahia, e indagaram pelo Felix, seu companheiro.

— Felix embarcara uns dois dias antes, disse o pescador, naquele mesmo posto e se dirigira para São João da Ponte.

Eles desapontados entreolharam-se e o pescador notara aquilo com desconfiança.

Em todo o caso contrataram a travessia para depois do almoço que, sendo de peixe não tardou muito.

Avisada a hora, o pessoal, tomando as tralhas, alinhou-se pelo carreiro abaixo.

De um lado e outro do carreiro escuras moitas silvestres até à beira d'água interceptavam a luz do sol.

Embaixo a praia muito curta.

— Embarquem primeiro a tralha, afim de ver se a canôa aguenta a carga, porque estou certo de que somente ela vai agora.

A gente ficará para depois.

— Não concordamos! Ou tudo ou nada!

— Mas, não estão vendo que é impossível?

— Eh! Ou tudo ou nada, berraram.

— Nem tudo nem nada! bradara uma voz firme e valente à queima roupa.

O pescador, quando olhou para a barranca quase caiu nágua.

— Estão presos, assassinos de Antonio Dó. A qualquer movimento mandarei fazer fogo. Entreguem as armas!

Os bandidos tremiam. O barranco apinhado de soldados e o carreiro cortado a retaguarda.

Era a polícia que avisada em tempo, efetuava uma das mais belas diligências do sertão.

Presos e algemados os delinquentes, foram-lhe tomados todos os revolveres, punhais e carabinas; desarmados enfim, deu-se rigorosa busca em todas as tralhas, tendo sido encontrada nelas a mucuta (34) de pedras.

— Que diabo é isto em todas as tralhas?

— É diamante! respondeu um.

— Ah! Já tinha notícias: diamante de uma garrafa que vocês roubaram, não é assim?

E o capitão, comandante, olhando essas pedras, deu uma gargalhada:

— Que é do chefe?

Ninguém respondeu.

— O chefe está longe! disse o pescador; passou por aqui desde antes de ontem indo para os lados de São João da Ponte.

— Bem! Ah diabo se eu te apanho!

E para a cadeia, pobres, paupérrimos e desabusados aqueles milionários de diamantes falsos.

25

Em 1919.

De Pirapora descíamos o São Francisco em um dos vapores da Navegação Mineira.

Limitadíssimo o número de passageiros de primeira classe, tres ou quatro somente e entre esses um tenente da polícia.

Em Rio das Velhas, na foz, embarcou-se mais um e a marcha continuou nesse longo silêncio barranqueiro através da bela e atraente perspectiva da caatinga.

Partíramos muito cedo antes do café.

Servido este, foi apresentado o Tenente, daí nascendo amistosa palestra.

— Primeira vez que visita o São Francisco, não? perguntou um viajante.

— Primeira vez e estou encantado.

— Desculpa a indicreção: Para onde se dirige o ilustre militar?

— Para a cidade de São Francisco.

— Destacado?

— Sim, destacado!

— Novidade?

— De onde vem o senhor?

— De Belo Horizonte.

— De Belo Horizonte?

— Sim, pelo último trem.

— Leu os telegramas dos jornais últimos?

— Li-os.

— E então? Razões desta viagem. São terríveis...

— E falsos!

— Falsos? Não senhor!

— Como não? Falsos, falsíssimos! Coisa alguma!

— Não diga isto.

— Bem verdade que há uns quinze dias, quando passeio por essa cidade, deixei tudo calmo.

— Ah! Tem razão! Depois disto ferveu lá o diabo muita coisa ruim. Se o senhor soubesse das ordens rigorosas que trago...

Se eu apanho esse tal Antonio Dó. Ah! se eu me avisto com ele...

— Perdoa-me a liberdade. Para apanhar o Dó, seria necessário que o senhor fosse Deus ou tivesse o dom da ubiquidade para agarra-lo ao mesmo tempo em São Romão, vales do Urucia, Carinhanha e Paraná, em Goiás e em muitos outros pontos deste vasto sertão.

— Sei que graceja. Então julga que o Dó não tenha atacado desde trás-ante-ontem o São Francisco?

— Não julgo coisa alguma; porém, Tenente, tranquili-se-se. Não há também coisa alguma, é o que posso adeantar, repito. Não vamos para lá?

— Por certo.

— Então veremos.

— Eh! mesmo. Permita Deus que assim aconteça; mas, duvido.

E retirou-se por instantes.

Uma outra conversa atraia os viajantes, partindo de uma lancha atracada ao vapor pela esquerda.

Debruçados na amurada para auví-la, correram todos.

Um final de prosa entre soldados que também seguiam e que se ignorava: isto é, a força pública na segunda classe:

— Eu, dizia um deles, Deus me defenda acontecer o que aconteceu ao Capitão Felão. Deus lhe chame n'alma. Ave Maria! Ave Maria! Ave Maria!

— Tanta Ave Maria!... Ave Maria de que, indagou um.

— De que? Da peste a peste de cachorro.

— Como peste de cachorro? Danado?

— Danado!... só se fô muito mais pió! O corpo dele virou lixa com umas feridas grandes cheias de escamas grossas e negras.

Quando a gente alevantava essas escamas, por baixo estavam entupidas de carrapato de cachorro.

Fedia que só cão morto; ninguém aguentava.

Ele urrava dia e noite; ninguém dormia.

De manhã sacudia-se a cama e alevantava aquele cinzeiro... De noite era um horrô! Não se sabe donde saiam, como dois grandes formigueiros, tanto carrapato, descendo pelas paredes do quarto sobre a cama, comendo o homem vivo. A gente queimava aquilo, punha remédios que o médico ensinava; mas carrapato não acabava. Mudava-se de quarto e eles também mudavam. Gente eu nunca vi uma coisa tão horrorosa na minha vida. E assim foi inté entregar a alma a Deus. Ô dispois que ele morreu, que foi na fazenda dele, quem é que ia para lá de malassombrada?

Tal o fim, segundo ouvíramos, do famoso Felão, o antigo remeiro do São Francisco.

Nesse interim chegávamos a São Romão, onde o nosso Tenente indagara pelo Dó e ataque a São Francisco.

— Não se sabe disto aqui não! responderam.

— Lá se vai meu Tenente! avisara o viajante. Vamos descendo até que se convença da verdade. Esse Belo Horizonte, desculpe-nos com partes de Jeronimo Foguetino e fumaças de cidade vergel e outras bobagens é muito crédula. É uma perfeita caipira, arrancada das brumosas e lendárias fraldas das montanhas de Ouro Preto, para tampar os buraqueiros e terras cruas dos gerais do Curral d'el Rei. É cidade nova, cosmopolita; por isto mesmo sem raiz, sem credenciais e sem cultura digna de um Estado, o maior do Brasil. Pura patacoada!

Senão vejamos: Se os grandes rios, como dizem, são caminhos da civilização, como se larga ao desamparo um rio como o São Francisco para andar-se de cócoras à beira de um dos

mais reles riachos de Minas. Isto é sério? O São Francisco deveria envergonhar-se de ter suas nascentes neste enorme Estado.

Gaba-se a febre amarela do Rio de Janeiro, para explorar-se um paludismo benigno do São Francisco. Isto é de gente que se preza? Dá-se um caso deste conhecido, dispendioso, escandaloso, dizemos nós, e o governo como um basbaque, sabendo das fórmulas mentirosas de uma bandalheira, fazendo-se de crente, presta-se a essas manobras tão sujas!

O Tenente protestou.

— Pode protestar e tem razão. Visita o senhor o rio pela vez primeira. Verá depois pois será testemunha ocular de semelhantes lambanças, que absolutamente ignora.

Na seguinte manhã pelas oito horas!

Aproximávamo-nos da amurada para ver a cidade surgindo dentre as brumas das barrancas ainda enterradas na distância.

— Lindo! exclamou o Tenente.

— Perdão Tenente! Até agora temos brincado; mas, o negócio é outro e mudou de figura, bem mais fatal do que pensávamos.

— Que há? indagou assustado.

— Não vê ao longe, à nossa frente, um ajuntamento de povo?

— Sim.

— Não observa um monte de cadáveres na praia?

— Não enxergo! Onde?

— Não enxerga como? Tenente!

— Olhe lá reluzindo ao sol! Com efeito! Só cego!

— Mas, meu Deus, somente é o senhor quem está vendo!

— Que montão de cadáveres de... peixes... de escamas prateadas e reluzentes! e o povo comprando!...

O Tenente respirou dando uma gostosa gargalhada.

— Ora não tem de que se rir; pois tudo o mais é assim.

Chegara-se; mal o vapor foi-se atracando uma comissão apressada e lampeira saltara no convez correndo ao Tenente:

— Senhor Tenente, uma conferência!

Inda não acabara o coxixo...

— Senhor Tenente uma conferência!
Um terceiro:
— Senhor Tenente uma conferência!
E saltamos na terra, na paz da cidade das conferências.
Dó... nos livre!

Januária, 26 de outubro de 1939

N O T A S

1 — Segundo Saul Martins in "Antonio Dó — O Jagunço mais Famoso do Sertão" — Belo Horizonte — 1967, Antonio Antunes de França Dó era natural de Pilão Arcado, Bahia, cidade barranqueira, hoje às portas do desaparecimento.

2 — Saul Martins na obra citada afirma que o primeiro sítio habitado por Dó em terras mineiras, foi à beira do rio Claro no vale do Urucuia, e que seu quartel general era o Arraial de Santo Antonio ao pé da Serra das Araras, no coração da grande Comarca de São Francisco.

3 — De acordo com Saul Martins eram os seguintes os irmãos de Antonio Dó: Honório, Herculano, Romana, Josefa e Benedita.

4 — Manuel Francisco da Silva Porto era o seu nome verdadeiro, vizinho dos Dó em Bôa Vista, Município de São Francisco.

5 — A má distribuição da justiça nos sertões sempre foi u'a mancha negra em sua história e por largos anos constituiu-se em pomo de discórdia, em causa de muitos males e desavenças. Tutelada por juzecos pusilânimes, escolhidos a dedo para servir aos desígnios dos coronéis poderosos, quase sempre chefetes da hedionda e mesquinha politicalha interiorana, deixou tal semeadura um rastilho de revolta, de irreverência e de incredulidade.
A Comarca de São Francisco, foi, como muitas outras co-irmãs, assaltada por esse status quo, e, por causa

dos desmandos de um magistrado, ficou consagrada através da verve satírica de Jove da Mata, poeta barranqueiro, que assim destilou seu veneno, sob o título — "Justiça Vesga":

O Juiz de São Francisco

É Juiz, mas sem juízo,

Aplica torto o direito

Afim de dar prejuizo

Aos incautos subordinados

Daquela infeliz Comarca.

Tenho visto Juiz doido,

Mas nenhum daquela marca.

O direito é dinheiro,

Por dinheiro dá cavaco,

Por dinheiro ele faz tudo,

Por dinheiro ele é macaco.

In Encontro com o Folclore, nº 15, pag. 23.

6 — Indalécio Gonçalves Pereira.

7 — Orelhas da sota vale jogo, jogatina.

8 — Mutum — nome de várias espécies de aves do gênero Crax, também conhecidas por urumutum, mitú e mitua. Conf. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

9 — Jaó — ave da família dos Tinamídeos, várias espécies do gênelo Crypturellus, também chamada Zabelê. Conf. Pequeno Dicionário Brasileiro da Lingua Portuguesa.

10 — Atesta Saul Martins, com base em documentos, que o Alferes João Baptista de Almeida recebeu a ordem de embarque no quartel do 1º Batalhão, em Belo Horizonte, aos 24 de maio de 1913, tendo partido a 1º de junho daquele mesmo ano.

11 — Felão era o Alferes Felix Rodrigues da Silva.

12 — O médico, o advogado e o policial têm sido os tipos mais enxovalhados pela lingua do povo, que não admite certos desvios de caráter. Quem já viu Bumba meu Boi no Nordeste, a grande sátira popular mestiça, teve, por certo, oportunidade de sentir de perto em que palpos de aranha são colocados os profissionais referidos, ridicularizados e achincalhados até o limite da extrema versatilidade dos atores improvisados. E o povo tem em verdade carradas de razão. Certo que por causa da corja pagam os corretos. Assim é e será enquanto houver terra e homem.

A polícia, especialmente, tem baixa cotação não só nas muitas camadas brasileiras, assim também na de todo o mundo. Como marginal a serviço do Estado tem sido vista e analisada pelos mais sérios estudiosos do assunto.
O que Manoel Ambrósio afirmava como aspecto típico dos sertões mineiros de 1913, encontra amparo na História e nos autores antigos e modernos que de uma forma ou de outra se ocuparam do assunto.

Tomemos por exemplo Gustavo Barroso, em sua magnífica introdução a "Heróis e Bandidos", edição da Livraria Francisco Alves, Rio, 1917. Diz ele às pags. 82/83:

"Depois que os fanáticos em 1914, chegaram nas proximidades da capital cearense, o governo da intervenção federal, com eles constituiu um batalhão militar. Euclides descrevendo a investida do 5º Batalhão Policial Baiano em Canudos, diz que se atirou o jagunço contra o jagunço. As forças estaduais do Nordeste constam de mestiços semi bárbaros do Pajeú, Teixeira e Carirí, cujas duas terças partes são de egresso do crime. Se o policial não veio do cangaço, foi apanhado na escória das povoações. O povileu despreza-o, alcunha-o "macaco" e "mata cachorro". Praticam mais crimes que os bandidos que perseguem e para eles desertam na véspera dos recontros preferindo a vida solta do bandido à disciplina do soldado. Não é novo este fenômeno na História. No ano de 186, um soldado das guarnições gaulesas, Maternus, coberto de crimes, condenado à morte, fugiu e fez-se salteador. Reuniu um bando numeroso de desertores cometeu depredações, abriu ca-

deias soltando presos que se lhe incorporavam, atacou cidades populosas e ricas. Perseguido, atravessava os Pirineus e devastava a Espanha".

13 — Canguçú — onça pintada de cabeça grande. Conf. Pequeno Dicionário Brasileiro da Lingua Portuguesa.

14 — A Brasília a que se refere Manoel Ambrósio, não é evidentemente a atual capital da República, mas uma das cidades norte-mineiras, hoje denominada Brasília de Minas.

A sede municipal tem as seguintes coordenadas: 16° 12'29",2 da latitude sul e 44° 25'58",8 de longitude W Gr. Sua altitude é de 540 metros.

Brasília de Minas originou-se da criação da Paróquia de Santana de Contendas em 14 de julho de 1832. Contendas foi o nome do Distrito. Pelo Decreto Estadual n° 299 de 26 de dezembro de 1890 foi criada a Vila de Santana de Contendas com território desmembrado do Município de Montes Claros. Pela Lei Estadual n° 319 de 16 de setembro de 1901, seu nome foi alterado para Vila Brasília. O Município passou a chamar-se Brasília em 7 de setembro de 1923. Passou à cidade pela Lei Estadual n° 893 de 10 de setembro de 1925. Comarca somente em 19 de julho de 1947. Anteriormente foi termo de São Francisco.

15 — Saul Martins, transcrevendo notícia veiculada pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro de 10 de junho de 1913, informa que Felão partiu de Diamantina para São Francisco, não de Brasília, conforme Manoel Ambrósio.

16 — Inzona — vale dissimulação.

17 — Insiste — não se trata do verbo insistir e sim do verbo assistir.

18 — Diz Saul Martins tratar-se de Epifânio de Macedo o íntimo amigo de Dó morto na "guerra" de Vargem Bonita.

19 — Saul Martins não poupa o celerado policial, apontando-lhe os desatinos, diz à pag. 43 de seu "Antonio Dó":

"O juizo sereno dos homens de bem há de con-

denar o ato de Felão, mandando atirar sobre a aldeia, a esmo, tão indiscriminadamente."

E às pags 47 e seguintes narra os padecimentos do pobre arraial de Vargem Bonita sob o jugo de Felão, desesperado pelo insucesso de suas forças frente a jagunçada de Antonio Dó.

20 — Treita vale manha, artimanha, malícia, astúcia. Muito comum ouvir-se nas barrancas sanfranciscanas que alguém é "treitero", ou seja, manhoso, astucioso, perigoso no trato dos negócios. Pela zona da mata e pelo sul de Minas, emprega-se também o termo e, no mesmo sentido. Porém, pronuncia-se treta em vez de treita. Outrossim diz-se "tretero" em lugar de "treitero". O certo mesmo, fosse onde fosse seria treiteiro.

Nota do autor — Essa imagem insistentemente reclamada pelos vargenses, fora-lhes devolvida; primeiro para a Januária, depois para a Vargem e alí recebia em uma explêndida festa de desagravo.

21 — Manoel Ambrósio lá no seu cantinho de Januária, há cerca de quarenta anos, parece ter compreendido que cangaceiro e caudilho são duas entidades que se não confundem. Alviçaras ao escritor barranqueiro, pois que muita gente boa, ainda hoje, usa tomar uma pela outra. O nosso eminente americanista Sílvio Júlio, em Fundamentos da Poesia Brasileira — Rio — 1930, esgotou os argumentos e as provas de modo a demonstrar insofismavelmente que o cangaceiro é um tipo revoltado, frustrado e traumatisado, que vaga pelos sertões a frente de um bando que se identifica com ele, praticando atos de selvageria, conforme suas concepções de justiça, de honra e de caridade. É um primário, tosco homem sem idéia formada sobre coisa alguma, vivendo à base do instinto e dos conceitos estereostipados e deturpados, advindas das tradições de seu meio de origem. Não tem qualquer interesse político, embora seja via de regra joguete nas mãos dos politicoides interioranos. Nunca imagina ser Presidente da República ou Governador de Estado.

Ao contrário o caudilho tem pretensões políticas, sonha em estar a frente de nações, comanda exércitos, traça planos e não raro colima seus objetivos assal-

tando palácios, depondo governantes, assumindo o controle da situação, impondo uma ideologia.

E Manoel Ambrósio teria sentido essa diferença. De perto Antonio Dó era em verdade um cangaceiro, chefe de bando como tantos outros, de longe um caudilho, chefe de poderoso exército. E, como estava longe dessa realidade.

22 — Assevera Saul Martins que o traço que deu combate a Antonio Dó nessa oportunidade, era comandado pelo Alferes Octávio Campos do Amaral, que desembarcou em São Francisco aos 6 de junho de 1914. A refrega deu-se em 5 de julho do mesmo ano e Saul Martins, narrando os acontecimentos confirma o lance do ferimento do Alferes.

23 — Joaquim Gomes, que Manoel Ambrósio aponta como Governador de Goiás, não passava de coronel da roça, afazendado em terras goianas, homem de muitos alqueires e muitos gados, portanto rico e poderoso, amigo e coiteiro de Dó e seus sequazes. Segundo Saul Martins, seu nome completo era Joaquim Gomes Ornellas.

Por segurança, demos busca na relação de Governadores de Goiás, entre os anos de 1912 e 1930, faixa em que se desenrolaram os acontecimentos narrados por Manoel Ambrósio. Aí vai a lista:
1912/1913 — Joaquim Rufino Ramos Jubé; 1913/1914 — Olegário da Silveira Pinto; 1914/1915 — Salatiel Simões de Lima; 1915/1916 — Joaquim Rufino Ramos Jubé; 1916/1917 — Aprígio José de Souza; 1917/1921 — João Alves de Castro; 1921/1923 — Eugenio Rodrigues Jardim; 1923/1925 — Miguel da Rocha Lima; 1925/1929 — Brasil Ramos Caiado; 1927 — Diógenes de Castro Ribeiro (1 mes); 1929 — Joaquim Rufino Ramos Jubé (2 dias); 1929 — Alfredo Ramos Moraes; 1929/1930 — Humberto Martins Ribeiro.

É de se considerar, entretanto, que não seria nada demais um Governador de Estado daquela época dar guarida a bandoleiros, quando se sabe que em 1913 o Governo Federal, na ânsia de jogar por terra o Governador cearense Franco Rabelo, não trepidou em armar e incentivar os jagunços do Padre Cícero Romão Batista, que levaram a melhor sobre as tropas estaduais. No comando dos cordeis, à socapa e à distância estavam

o Capataz — Senador Pinheiro Machado e o Deputado — Jagunço Floro Bartolomeu.

Hoje esses e outros fatos já não constituem mistério ou segredo de arquivos. Basta que se leiam as páginas magistrais de Otacílio Anselmo em seu "Padre Cícero — Mito e Realidade", para que se conheçam as múltiplas facetas do cangaceirismo patrocinado e oficial. No habitat de Antonio Dó, não seria diferente.

24 — Impleitô é maneira vulgar de dizer empreitou, do verbo empreitar.

25 — Praxedes Rodrigues era seu nome, segundo Saul Martins. Seu alcunha: Praxedinho.

Nota do Autor — Serranos — povos semi bárbaros, habitantes dos desertos limítrofes dos tres Estados a N.O. da Bacia do São Francisco, vivendo sob a chefia do elemento mais velho da tribo. São caçadores por excelência, procurados em ocasiões de lutas intestinas, ou para dirimir contendas, sob contratos pecuniários com o chefe. Habitam os contrafortes desses desertos perigosos e de quase impossível policiamento. Ainda que desconfiados, são pacíficos e hospitaleiros nas suas tocas, delas saindo por interesse também de rapinas ou saques por cidades ou fazendas por empreitadas.

26 — Pitalança — petulância.

27 — Estrela de secar carne — o mesmo que sol.

28 — Segundo Saul Martins tais indivíduos chamavam-se respectivamente João Antonio Soares, boticário e fazendeiro, com terras no alto da Serra do Meio, cabeceira do ribeirão da Ponte Alta, bacia do Urucuia e Leo de Almeida.

29 — Bráulio Archanjo de Almeida, conforme Saul Martins.

30 — Refere-se Manoel Ambrósio à Coluna Prestes.

31 — Manoel Ambrósio, metafórico em determinados pontos, parece referir-se à Revolução de 1930. De qualquer forma, esse Estado Novo a que alude, se não confunde com

o regime implantado por Vargas em 1937, quando Dó, há muito havia desaparecido.

32 — Será o mesmo Fulô mencionado por Saul Martins em sua obra citada.

33 — Saul Martins certifica que Dó foi assassinado por alguns de seus comparsas a 14 de novembro de 1929. A arma do crime foi a mão de pilão. Contava Dó 79 anos. Para Manoel Ambrósio 78.

34 — Mucuta — embrulho, pacote, aglomerado de peças, de jóias, etc. Segundo Nely de Oliveira Montenegro a palavra tem uso corrente na barranca. Mucuta, segundo parece deve ser o mesmo que MUCUTAIA, planta da família das Lauráceas, também chamada Canela do Mato.